



90 anos
Sinduscon Espírito Santo

— RUMO AOS 100 —

FICHA TÉCNICA

Coordenação editorial: Ana Cláudia Gomes Martins

Organização/redação: Verônica Oliveira

Projeto gráfico: Mariana Pontes

Diagramação: Luiza Caxiano

Revisão: Tigran Magnelli

Editora: Texto & Café Comunicação e Editora

Copyright 2024 Sinduscon-ES

Todos os direitos de produção, distribuição e comercialização são do Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Espírito Santo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Verônica Martins de
90 anos Sinduscon Espírito Santo : rumo aos 100 /
Verônica Martins de Oliveira. -- Niterói, RJ : Texto
& Café Comunicação e Editora, 2024.

ISBN 978-65-983305-1-4

1. Engenharia civil 2. Sindicato da Indústria da
Construção Civil no Estado do Espírito Santo
(Sinduscon-ES) - História I. Título.

24-230273

CDD-690.098152

Índices para catálogo sistemático:

1. Sindicato da Indústria da Construção Civil no
Estado do Espírito Santo : História 690.098152

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

90anos

Sinduscon Espírito Santo

RUMO AOS 100

SUMMA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Presidente Douglas Luiz Vaz da Silva

PARTE I – SEDIMENTANDO OS PRÓPRIOS PASSOS (1800 – 2000)

Capítulo 01: Do campo às cidades

A consolidação da engenharia capixaba (1800 – 1969)

Capítulo 02: Crescimento e crise

A engenharia se transforma e conquista novos espaços (1970 – 1989)

Capítulo 03: Assim caminha a construção

A busca por novos horizontes e a superação dos desafios (1990 – 2000)

PARTE II – O PODER RENOVADOR DA ENGENHARIA (2001 – 2024)

Capítulo 04 – A metamorfose de um setor

A indústria da construção caminha a passos largos (2001 – 2013)

Capítulo 05 – Ajustando os passos

A crise testa as estruturas da indústria da construção (2014 – 2018)

Capítulo 06 – Superando obstáculos

Os desafios de ordem mundial se revertem em crescimento (2019 – 2023)

PARTE III – CONSTRUINDO O PRESENTE, TRANSFORMANDO O FUTURO (2024 – 2034)

Capítulo 07: Nada será como antes

O novo se estabelece e transforma a indústria (2024)

Capítulo 08: Uma análise dos novos horizontes

Como a indústria da construção caminha para o futuro (2025 – 2034)

Capítulo 09: Sinduscon-ES rumo aos 100

As mudanças e transformações que estão por vir (2034 em diante)



APRESENTAÇÃO

O presente livro tem como missão fundir passado, presente e futuro, com a proposta de contar a trajetória da indústria da construção capixaba, que se confunde com a do próprio Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Espírito Santo (Sinduscon-ES). Desde a sua fundação no dia 03 de outubro de 1934, a entidade tem exercido um forte protagonismo nas relações políticas e socioeconômicas do Espírito Santo, marcando presença nas decisões que influenciaram e influenciam diretamente o setor da construção capixaba.

Neste ano comemorativo aos 90 anos da entidade, o atual presidente Douglas Luiz Vaz da Silva e toda a sua diretoria estão empenhados em marcar essa data tão importante com ações que reflitam o relevante papel desempenhado pela entidade ao longo dessas nove décadas. Esta publicação integra a sequência de homenagens ao Sinduscon-ES e àqueles 11 empresários que entenderam a relevância de fundar uma entidade que representasse o empresariado, contribuindo com a sua evolução e conseqüente progresso do setor.

Sabedores de que a história tem valor e de como é fundamental examinar o passado para entender o presente e se preparar para o futuro, a diretoria atual decidiu que esse era o momento para lançar o seu terceiro livro: “Sinduscon-ES rumo aos 100”. Esta publicação propõe

um verdadeiro “passeio” pelas mudanças operadas na engenharia capixaba, desde os idos anos 1800 até o momento atual, com a proposta de avaliar o que aguarda a indústria da construção para os próximos 10 anos, quando o Sindicato completará 100 anos em 2034.

Para referência do leitor, os dois livros anteriores foram a “História da Construção e das Transformações da Cidade” (2005), de Carlos Teixeira de Campos Júnior, e “85 anos – Uma Trajetória construída com Força e Cooperação”, lançado pela BB Editora em 2019. Nas duas obras é possível perscrutar os principais acontecimentos que permearam o setor dentro da temporalidade a que ambos se propuseram.

No “Sinduscon-ES rumo aos 100”, escrito pela jornalista Verônica Oliveira, existe uma proposta de “caminhar” pelo passado, avaliando os seus principais acontecimentos, analisar as mudanças operadas na contemporaneidade do momento presente e propor a formação de um pensamento crítico para as principais mudanças do futuro. É nesse caleidoscópio que se apresenta o livro, abordando todos esses importantes fragmentos da história.

100 ANOS

ESTAMOS
ATENTOS
E FORTES.

DOUGLAS LUIZ VAZ DA SILVA
PRESIDENTE DO SINDUSCON-ES



Chegamos aos 90 anos assistindo à evolução da engenharia e o crescente processo de transformação que nos demonstra, a cada momento, o quanto é necessário que nos adaptemos às novas ideias e ideais de vida e de reformulação do setor no qual atuamos com tanto afinho.

Escrever este livro faz-se cada vez mais premente como uma valiosa ferramenta para resguardar a nossa história e refletir sobre a metamorfose, não só da engenharia, mas de toda a cadeia produtiva que nos cerca.

Como atual presidente do Sinduscon-ES, propor o lançamento do nosso terceiro livro, no auge das comemorações pelo nonagenário do Sindicato, é mais do que um ato de regozijo pela história, mas, principalmente, uma forma de entendimento de que o pêndulo marca as horas e as mudanças estão sendo ditadas de um modo cada vez mais veloz.

Neste livro que estamos lançando neste ano de 2024, marcamos os feitos do passado, pontuamos as mudanças do presente e destacamos os desafios do futuro. Todavia, entendemos que acompanhar as novas demandas do mercado, sobretudo no que se refere às pautas que atravessam o setor com temas emergenciais, como sustentabilidade, produtividade, redução de desperdício e boas práticas, é mais do que um dever cívico, mas uma condição *sine qua non* de tornar perene a nossa missão.

Acreditamos na criatividade humana e na capacidade que temos de solucionar problemas e buscar as melhores práticas que tra-

gam resultados positivos. E, se olharmos em um retrospecto, temos a validação de tudo que estou dizendo, pois, nossa indústria já vislumbra soluções em potencial de tal modo que, se fizermos o dever de casa com cuidado, quebraremos o paradigma de que a indústria da construção é uma das que mais poluem o nosso planeta.

E o papel do Sinduscon-ES tem sido este, desde a sua criação, em 1934, quando partimos do princípio de que precisávamos regulamentar e criar padrões construtivos ideais para elevar a nossa indústria e fortalecermos as suas bases. Os nossos desafios são grandes! No entanto, mais do que isso, desejamos seguir em frente superando todo e qualquer obstáculo.

Que estes 90 anos sejam um símbolo da nossa força e grandiosidade de um setor que se dedica arduamente à construção de bases sólidas que sustentam toda uma nação.

E que a proposta de repensar o nosso futuro, a partir do presente, tendo como marco o nosso centenário no ano de 2034, seja um exercício diário e contínuo, estando atento ao que a sociedade espera da indústria da construção para o futuro, sobretudo, com relação ao respeito ao homem e todo o seu ecossistema.

Afinal, estamos e sempre estaremos atentos e fortes para fortalecer a nossa indústria da construção e todos os empresários que nela construíram seus sonhos e ideais de uma engenharia vigorosa e desafiadora, sempre pronta a se adaptar aos novos tempos.

PARTE I

SEDIMENTANDO OS PRÓPRIOS PASSOS (1800 – 2000)



DO CAMPO ÀS CIDADES

A CONSOLIDAÇÃO DA

ENGENHARIA CAPIXABA

(1800 – 1969)

O PONTO DE PARTIDA

Essa história tem como ponto de partida o Convento de Nossa Senhora da Penha, local símbolo da colonização do donatário Vasco Fernandes Coutinho, um fidalgo português que aportou no Brasil no ano de 1535. Ao chegar às terras capixabas, cumpriu à risca a missão de colonizar a região, tão logo desembarcou na Prainha de Vila Velha. Foi na rocha de um penhasco de 154 metros de altitude que decidiu erguer o Convento, um dos santuários de devoção mariana mais antigos do Brasil. O detalhe pitoresco da construção são as janelas que se abrem para a Grande Vitória e a vastidão do Oceano Atlântico. Mais tarde, em 1558, o Frei Pedro Palácios, frade espanhol, ergueria o Santuário de Nossa Senhora da Penha.

No período colonial foi fundado ainda um importante monumento, o Palácio Anchieta¹. A edificação, localizada na Cidade Alta – um dos bairros mais antigos de Vitória –, começou a ser erguida no século XVI para abrigar o colégio jesuíta e a igreja de São Tiago. Os padres José de Anchieta e Brás Lourenço se encarregaram de consolidar o trabalho com os nativos da região. Além do ensino de várias disciplinas, entre elas, leitura, escrita, Teologia e Filosofia, o colégio também desempenhava a função de centro administrativo e de missão dos jesuítas.

Entre os nomes importantes relacionados aos primórdios da engenharia capixaba, pode-se destacar a figura emblemática do engenheiro André Carloni². Nascido na cidade de Bolonha, na Itália, em 1883, ele pisou em terras capixabas ainda bem novo, aos sete anos de idade. Ao chegar ao Espírito Santo com a família, ele ficou alojado na Hospedaria dos Imigrantes, localizada em Jaburuna, município de Vila Velha. Posteriormente, a família se deslocaria para Aracruz-ES, onde o pai conseguiu um trabalho na usina de açúcar.

Em 1894, uma epidemia de febre amarela vitimou o patriarca, e o então menino de 11 anos se tornaria arrimo de família, com a missão de garanti-la o sustento. A oportunidade de estudar dese-

inho na escola noturna da Maçonaria Monte Líbano foi o divisor de águas na vida do rapaz. Ele passaria do desenho para as artes plásticas, chegando ao ofício de construtor. Após a bem-sucedida reforma do antigo Convento do Carmo, Carloni tornou-se o principal construtor de Vitória. Ele assinou a construção da Santa Casa de Misericórdia, do edifício da Assembleia Legislativa, do Parque Moscoso, e do Teatro Carlos Gomes, além de outras obras de infraestrutura. Sobre essa última obra citada, existe uma história interessante.

Após um ano interditado, a demolição do Melpômene, único teatro da capital e primeiro à italiana, mexeu com os brios de André Carloni. Ele decidiu que devolveria à Vitória um novo teatro – o Carlos Gomes –, totalmente projetado, construído e decorado com seus próprios recursos. Em seu livro sobre a imigração italiana no Espírito Santo, o autor Luiz Serafim Derenzi, escreveria sobre essa iniciativa: “foi muito idealismo e amor à terra adotiva³”.

Ao avançar no tempo, é possível observar que o processo de urbanização do Espírito Santo e o crescimento da construção civil no estado estão intrinsecamente relacionados com a evasão do campo rumo à cidade. Apesar de ter sido um movimento lento e gradual, essa mudança acabaria trazendo profundas transformações para a região. Elas ocorreram, principalmente, após o incremento do ciclo do café, o avanço dos sistemas de transporte, sobretudo o ferroviário, e a nova configuração geoeconômica da região.

Em fins do século XIX, a economia capixaba apoiava-se exclusivamente em uma atividade cafeeira totalmente itinerante que, no início, estabeleceu-se no Sul do estado (representada por Cachoeiro de Itapemirim), e que depois migrou para a região Central, no caso, Vitória. Mais tarde, a produção de café também se deslocaria para o Norte (São Mateus), onde a mandioca ainda era a principal matéria-prima da agricultura local.

1 O Palácio Anchieta é considerado um símbolo histórico e cultural para o Espírito Santo. Desde o século XVIII, o palácio abriga a sede do governo do Estado. Localizado em frente do Porto de Vitória, em 2004, ele passou por obras de restauração em uma das sedes de governo mais antigas do Brasil.

2 <https://www.agazeta.com.br/capixapedia/quem-foi-andre-carloni-italiano-da-nome-a-bairro-na-serra-0524>

3 O livro escrito por Luiz Serafim Derenzi tem como título “Os italianos do Estado do Espírito Santo”.

Eram tempos em que não havia uma comunicação estabelecida entre as cidades capixabas e as regiões produtivas do estado, em especial, com a capital. O café seguia o seu curso, sendo grande parte da produção escoada para o mercado externo, através do Rio de Janeiro, então capital do país. A necessidade de deslocamento da commodity logo impulsionaria o transporte. Nesse período, é notória a construção de ferrovias destinadas a viabilizar o transporte do café (o chamado “ouro verde”) para fora dos centros produtores.

A inauguração da Estrada de Ferro Vitória a Minas, no dia 13 de maio de 1904, representa bem esse momento. A partir dela se estabeleceria a ligação entre Vitória e Natividade, no Estado do Rio. A cultura cafeeira também suscitaria a necessidade de investimento em portos. É quando surge o Porto de Vitória⁴, em 1906, sob a jurisdição da Companhia Docas do Espírito Santo (CODESA).

Logo depois, em 1910, a Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo ampliaria ainda mais o raio de atuação, estreitando o contato entre Vitória e Cachoeiro de Itapemirim em uma distância de 136 quilômetros. Mais tarde essa ferrovia seria incorporada à Leopoldina Railway, inaugurada em 1874. Mesmo diante de todos esses avanços em infraestrutura de transporte, Vitória permanecia estagnada, sem nenhum processo expressivo de urbanização, assim como não foi registrado nenhum progresso construtivo de relevância.

Nem mesmo a bem-sucedida produção de café conseguiria ressaltar as potencialidades do estado. Embora no ranking nacional fosse considerado o terceiro maior produtor de café, com 40% da commodity proveniente da sua região Central, o Espírito Santo nunca participou com mais de 5% da produção. A perda de divisas para o Estado do Rio já era uma preocupação de José de Melo Carvalho Muniz Freire desde que governou o Espírito Santo entre os anos de 1892 e 1896. Afinal, boa parte do café escoado pelo porto do Rio de Janeiro, para efeitos tributários, deixava de ser capixaba para se tornar fluminense.

⁴ Apesar de 1906 ser o ano de fundação do Porto de Vitória, os estudos para a construção de um porto em Vitória datam de 1881. A Companhia Porto de Vitória teve a autorização para construir os 1.130m de cais, mas a licença seria revogada pela União, em 1924, transferindo-a para o governo estadual. Somente em 1927 é que a obra foi finalmente concluída. Com quatorze berços de atracação, o Porto de Vitória opera mais de 30 tipos de cargas, entre trigo, produtos siderúrgicos e cobre etc. No entanto, existe uma previsão de crescimento para 2030 que transformará esse porto em um Complexo Portuário de Vitória, atualmente sob a jurisdição da Companhia Docas do Espírito Santo (CODESA).



Convento de Nossa Senhora da Penha por Vitor Jubini/MTur

Naquele tempo, uma das iniciativas que Muniz Freire adotou com o objetivo de estabelecer uma relação comercial mais justa foi financiar os estudos destinados à construção de um cais para escoar mercadorias. Ele contratou Saturnino de Brito, que recebeu a missão de projetar a expansão de Vitória baseando-a em um moderno sistema mundial de saneamento. Na realidade, sua intenção era transformar a capital capixaba em uma importante praça comercial do Espírito Santo e de parte de Minas Gerais – fato esse que ocorreria alguns anos mais tarde.

Por enquanto, a indústria da construção capixaba continuava na sua trajetória em um estado que ainda caminhava a passos lentos. Entretanto, os negócios surgiam à medida que o segmento ia ganhando representatividade. Em 1913, Rufino Antônio de Azevedo fundou a Casa Pan-Americana, especializada em fornecer materiais de construção. Logo, ele diversificaria os seus negócios, expandindo-os para outras atividades comerciais. Nessa época, era muito comum que os construtores se dedicassem a fabricar os materiais que seriam utilizados no processo construtivo.

Nesse compasso, o cultivo do café continuava a contribuir para o empobrecimento do solo e a requerer um constante rodízio de terras nesse eterno recomeço em uma nova região. Conforme destacado anteriormente, no início a produção cafeeira ficava concentrada no Sul do Espírito Santo. Algum tempo depois, ela acabaria migrando para a região centro-serrana até deslocar-se

de novo para outro local. No entanto, foi no ano de 1920 que se registrou a chegada dos produtores ao Norte do estado, processo esse que contribuiu com a efetiva colonização dessa região.

Nesse período, é importante destacar a construção do Teatro Glória⁵ (1926), no Centro Histórico de Vitória. A construção se tornaria um marco no desenvolvimento urbano por se tratar do primeiro prédio com mais de cinco andares na cidade. O projeto assinado pelo arquiteto Ricardo Wright movimentou a vida cultural na cidade nesses 98 anos e tem cumprido com essa missão até dias atuais, quando, em 2007, foi adquirido pelo Sesc.

Sobre construções que promoveram desenvolvimento na região onde se encontra, a Ponte Florentino Avidos⁶ (1928), em Colatina, é um belo exemplo disso. O projeto foi responsável pelo surgimento de importantes núcleos de povoamento localizados ao norte do Rio Doce, nas recém-desbravadas áreas da Mata Atlântica. Com isso, o comércio na região ganhava uma nova dinâmica. A ponte contribuiria ainda com o crescente estágio de desenvolvimento de Vitória.

Mas, ainda assim, a economia do estado permanecia atrelada à produção do café, mudando somente após a unificação territorial e a consequente evolução da indústria da construção nos anos 1930.

⁵ Construído pelo arquiteto Ricardo Wright, o Teatro Glória foi inspirado em uma arquitetura eclética que conta com estrutura de concreto armado e revestimento em pó de pedra. Localizada na Avenida Jerônimo Monteiro, uma das principais ruas do Centro Histórico, a edificação foi adquirida pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) e, após reformas, passou a se chamar Centro Cultural Sesc Glória.

⁶ A Ponte Florentino Avidos foi projetada pela Krupp (empresa alemã), enquanto a construção ficou a cargo de outra empresa também da Alemanha, cujo engenheiro e sete contramestres se imbuíram de dirigir a construção das fundações, montar e instalar a ponte.



Teatro Glória por Vitor Jubini/MTur



Ponte Florentino Avidos

MUDANÇA DE CENÁRIO

Na década de 1930, durante a gestão de Getúlio Vargas, as atenções se voltaram para a modernização do país, que deixou de ser essencialmente agrário para caminhar em direção à industrialização. As alianças sindicais e a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC) dinamizaram esse movimento. Benefícios como 13º salário, férias remuneradas, previdência e seguridade social responderiam pelo incremento de uma política classista.

Outra medida seria a suspensão das Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAPs) criadas pela Lei Elói Chaves no ano de 1923. Toda a reestruturação durou um período de seis meses, culminando em mudanças significativas para a classe operária. Nesse

processo de transformação, a indústria da construção ganhou evidência em 1931, com debates sobre as políticas públicas em relação à habitação social.

Essa movimentação culminou na realização do I Congresso de Habitação promovido pelo Instituto de Engenharia. Na pauta do encontro, houve discussões sobre a precariedade das habitações populares e a necessidade de solucionar o problema, a partir do barateamento dos custos da construção. Nessa época, começou-se a pregar uma arquitetura sóbria, sem grandes ornamentos, inspirada nos debates ocorridos nas edições do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (Ciam) de 1929 e de 1930.



A cidade até então apresentava um crescimento horizontal, com a construção de casas sob encomenda, que seriam destinadas à moradia própria ou ocupação familiar. Porém, esse processo passaria por reformulações nos anos seguintes, em especial, com relação à mão de obra envolvida – entre elas, a do estucador. Responsável pelos vários detalhes e adornos feitos à mão, essa atividade profissional seria extinta com a evolução da construção. Dessa fase, sobressaem-se ainda residências, como a do comerciante Antenor Guimarães e a da viúva de Plácido Barcellos, duas figuras proeminentes da cidade.

A indústria da construção no Espírito Santo ficou marcada por algumas outras peculiaridades. Apesar das muitas terras disponíveis, o mercado imobiliário continuava praticamente inexistente. O ofício de construtor, passado de pai para filho, estava muito atrelado às famílias que contratavam somente aqueles profissionais com os quais estavam acostumadas a trabalhar.

Com isso, a formação do trabalhador ia sendo moldada in loco, ou seja, no próprio canteiro de obras, e requeria um longo tempo de aperfeiçoamento técnico. No entanto, em 1933, o Governo Federal tomaria a decisão de regulamentar as profissões de arquiteto e engenheiro, medida essa que acabaria modificando todo o cenário da construção.

Em 1933, a extinção das Caixas de Aposentadorias e Pensões para dar lugar aos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs) trouxe um impacto positivo na política habitacional do Espírito Santo. Através desses Institutos, a indústria da construção alcançou uma nova etapa mais consolidada. Um exemplo desse novo momento foi a construção do bairro do Ibes⁷ (uma iniciativa do Instituto do Bem-Estar Social do Espírito Santo, por isso o nome, que é uma sigla) e das casas do Horto, além dos edifícios públicos.

Nesse período, o movimento sindical ganhou importância entre os anos de 1931 e 1937. Foram criados 40 sindicatos de empregados e 19 de empregadores. Entre eles, o Sindicato dos Constructores Civis de Vitória, fundado no dia 03 de outubro de 1934. Localizada na rua Sete de Setembro, número 60, Centro de

Vitória, a entidade teve o engenheiro civil Aurélio Porto (1934 – 1936) como fundador e primeiro presidente, além de outros nomes também ligados à engenharia civil como, Radagásio Alves (secretário) e Camilo Gianordoli (tesoureiro). No Conselho Fiscal, figuravam nomes como André Carloni, Antônio Becacici e Vitorino Cardoso.

Assim como Rufino Azevedo, Aurélio Porto era um construtor dedicado à fabricação de materiais de construção, como portas, janelas e rodapés, entre outros detalhes em madeira. Ele também se dedicaria ao incremento dos seus negócios, com a construção da fábrica de cal na ilha das Caieiras. Essa prática foi de fundamental importância para a construção civil por um certo período. Entretanto, desapareceria por completo nos anos seguintes, com o surgimento de uma solução que tornaria as edificações mais resistentes.

Símbolo de um material que refletia a modernidade das construções, o concreto armado já existia desde 1849, quando o inglês Joseph Monier combinou a tração do metal à compressão do concreto como uma forma de suportar cargas elevadas. Em 1940, a fundação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) tornou possível a sua utilização, a partir da criação de instruções e especificações sobre como utilizá-lo na construção, dinamizando ainda mais o mercado.

O engenheiro civil Álvaro Sarlo (1936-1942) foi o segundo a ocupar a presidência do Sindicato dos Constructores. Bastante atuante no setor, o profissional, que era funcionário do estado, integrou a equipe técnica encarregada de fiscalizar a construção da ponte de Linhares, em 1954, considerada na época a maior do Espírito Santo, com 636 metros de extensão. Além disso, sua empresa respondeu, nos anos seguintes, pela construção de várias edificações na região.

O ano de 1940 marca a criação da estação de embarque de minério no município de Vila Velha, mais conhecido como Terminal Portuário de Vila Velha⁸ (TVV). Quanto à infraestrutura ferroviária, os trilhos da Estrada de Ferro Vitória a Minas chegaram à

⁷ É um bairro da cidade de Vila Velha, onde prevalecem as casas construídas visavam promover o desenvolvimento social.

⁸ É um terminal privativo, administrado pela COCIMEX.

capital capixaba somente no ano de 1941, embora a sua implantação tenha iniciado em 1903. Os primeiros trilhos surgiram na cidade de Porto Velho, em Vila Velha, e expandiram para Viana e Colatina (nos anos 1950, Colatina passaria a ocupar o primeiro lugar entre os municípios produtores de café do país).

A cada ramal ferroviário construído e ampliado, Vitória ia conquistando a tão almejada centralidade no cenário econômico do Espírito Santo. A fundação da Companhia Vale do Rio Doce⁹ (CRVD), uma empresa estatal destinada a explorar o minério de ferro de Itabira-MG, em 1942, e a sua presença marcante na capital capixaba consolidaria cada vez mais essa relevância. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Vale cumpriu a missão de fornecer matéria-prima para os países aliados, impulsionando os investimentos na infraestrutura de transporte.

Outros acontecimentos foram decisivos nesse processo, tais como a consolidação do movimento sindical no Espírito Santo, principalmente no que se referia à indústria da construção. No dia 28

de janeiro de 1942, o Ministério dos Negócios do Trabalho assinou um importante documento que possibilitou a ampliação da base territorial do então Sindicato dos Constructores, efetivada a partir da consolidação de um novo estatuto. O nome também seria modificado, passando a ser conhecido como Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Espírito Santo (Sinduscon-ES) – mais tarde seria conhecido como Sinduscon-ES.

É nesse novo capítulo do Sinduscon-ES (antes Sindicato dos Constructores) que também se consolidam os principais norteadores da entidade. Questões relacionadas ao fortalecimento do setor, tornando-o cada vez mais sustentável (missão), e ao desenvolvimento da construção no Espírito Santo, com o objetivo de evidenciar a imagem da entidade como referência nacional, passaram a ser adotadas pelas lideranças. Isso sem falar nas crenças e valores, considerados importantes pilares também relacionados à ética, transparência, comprometimento, competência, inovação, representação participativa e valorização do ser humano.

⁹ Fundada em 1942, durante o governo de Getúlio Vargas, a Companhia Vale do Rio Doce foi criada para explorar as minas de ferro de Itabira, em Minas Gerais. Com o tempo, mudou de nome e de dono, passando a ser chamada de Vale S.A. (2009), uma das maiores empresas de mineração do mundo. A reboque da sua fundação viria toda uma malha ferroviária criada para escoar o extrativismo mineral.



Terminal Portuário de Vila Velha

NA ESTEIRA DA EVOLUÇÃO

No que se refere aos avanços na política de transporte, é importante destacar a construção do cais Eumenes Guimarães¹⁰ (1943) em Vila Velha, assim como a presença do edifício-sede da Companhia Vale do Rio Doce (CRVD). Localizada ao lado do Banco do Espírito Santo, a edificação revelava a importância que a empresa conquistara no estado. A alta produção do café e a incorporação da região norte do Rio Doce à Vitória, aliadas aos preços internacionais elevados em relação à commodity, completam esse cenário favorável.

Um dos onze construtores responsáveis pela fundação do sindicato em 1934, o engenheiro civil José Meira Quadros (1943-1959) chegou à presidência do Sinduscon-ES na década de 40 – uma época marcada pela produção agrícola, ainda muito presente na atividade econômica capixaba. No entanto, o setor da construção já vinha conquistando uma presença relevante na economia do estado, que brevemente chegaria ao seu auge.

É importante destacar que, entre os anos de 1930 e 1950, o café continuava sendo a principal fonte de riqueza do Espírito Santo. Como dito anteriormente, a alta dos preços dessa commodity no mercado internacional e a ampliação da produção são um claro reflexo desse momento, assim como a expansão da centralidade de Vitória. Nesse período, o processo de ampliação resultou na conquista de novos territórios, estendendo-se até uma parte da região mineira.

Dos anos 1950 em diante, a construção civil foi ganhando fôlego, com os novos padrões construtivos e a mudança na mentalidade daqueles que atuavam no setor. A reboque de toda essa transformação, as construções sob encomenda foram sendo substituídas por aquelas destinadas a atender a um mercado cada vez mais em expansão. As edificações passaram a ser financiadas pelos Institutos de Aposentadorias e Pensões, refletindo uma nova dimensão territorial e tornando realidade o sonho da casa própria.

No bojo de todo esse desenvolvimento, foram surgindo empresas como a CRVD, a Companhia Ferro e Aço de Vitória e o Moi-

nho Buaiç. Juntas, elas contribuíram com uma geração de novos empregos, aumentando a demanda por moradias mais próximas dos centros de produção.

A tendência de investir na construção de edifícios com mais de três pavimentos deslocou a responsabilidade do construtor licenciado (que não tinha permissão para esse tipo de obra) para a dos engenheiros – muitos deles formados na capital federal do Rio de Janeiro. Nomes como o de Álvaro Sarlo, Jones dos Santos Neves Filho e Chrisógono Teixeira da Cruz se destacavam nessa lista de profissionais gabaritados para o ofício. E os primeiros edifícios erguidos partiram da compra do terreno ou do compromisso do construtor em oferecer ao proprietário das terras a permuta em apartamentos.

As construtoras na época responsáveis por esses produtos imobiliários eram a Chrisógono Teixeira da Cruz Engenharia Ltda, que construiu o Hotel Estoril; a Construtora Delmar, responsável pela construção do edifício de mesmo nome, e a Construtora CIEC (Comércio Indústria Engenharia Capichaba S/A). Essa última se destaca pela oferta de apartamentos em edifícios construídos ao redor do Parque Moscoso, onde existiam moradias a preço de custo.

Os construtores Durval Avidos e Hélio Cyrino foram responsáveis pela construção do primeiro prédio erguido em Vitória com unidades colocadas à venda. E o trabalho de fortalecimento da imagem do Sinduscon-ES perante os novos engenheiros formados foi consolidando-se cada vez mais, a cada presidente que assumia a missão. Ainda na década de 60, o construtor Nemésio Diógenes Neto (1960-1965) se torna o quarto presidente nessa linha sucessória da entidade.

No auge da ocupação territorial, as áreas situadas ao longo das Avenidas Jerônimo Monteiro e Florentino Avidos tornaram-se a parte nevrálgica da cidade, com o surgimento das grandes edificações comerciais. Em 1962, seria construída a Avenida Beira-Mar para garantir o acesso às praias. As ruas Graciano Neves,

¹⁰ O cais Eumenes Guimarães, também conhecido como “Cais do Pela Macaco”, foi financiado com capital público e privado para atender aos interesses de países como Inglaterra e Estados Unidos. O minério de ferro com alto teor era uma matéria-prima essencial à indústria bélica.

Sete de Setembro e Gama Rosa foram consideradas preferenciais, pois abrigavam toda uma expansão residencial. No entanto, esses limites geográficos eram muito estreitos. Nesse tempo, já se pensava na expansão das fronteiras para propiciar que a indústria da construção continuasse crescendo.

Em meio a toda essa pujança construtiva, um novo negócio conduzido pela moderna visão empresarial de Horácio Coimbra chamava a atenção no município de Linhares-ES. Tratava-se da implantação da primeira indústria brasileira de café solúvel para exportação em 1966, batizada pelo nome de Café Cacique¹¹. A capacidade e desenvoltura de Coimbra com os negócios renderia bons contatos comerciais, situando a marca entre os players mais importantes do comércio internacional de solúvel. Na década de 1970, a empresa se tornaria líder na produção e exportação desse tipo de produto.

Em um olhar mais pormenorizado para a indústria da construção de Vila Velha, é possível identificar a primeira edificação de grande porte da Praia da Costa, batizada pelo nome de Edifício Sereia (1968). O nome se deve à sua localização, que fica entre a Praia da Costa e a Praia da Sereia. Os 13 andares do edifício projetado pelo engenheiro Harry Barcellos ostentavam ainda uma novidade no segmento: elevadores e local reservado para estacionamento. Antes dele, existiram na Praia da Costa, outros prédios com menos andares, como é o caso do Guruçá, Sol e Mar e Maria Helena¹².

Ao longo de toda essa evolução da indústria da construção capixaba, as influências de profissionais e empresas de fora do estado foram decisivas na formação dos engenheiros locais. Esse processo começou a partir das obras portuárias e ferroviárias, responsáveis por disseminar o conhecimento junto aos profissionais da região.

O momento era de quebra de paradigmas, em função das novas características das moradias, que passaram a ser multifamiliares. O trabalho de convencimento na efetivação das vendas era realizado com base nas campanhas em jornais e cinemas, ou por pessoas que eram consideradas uma referência na cidade. O comerciante de café João Zanotti, por exemplo, era um deles. Ele teve uma grande influência nas vendas do Edifício Martélia.

Nessa efervescência da construção, o engenheiro civil e empresário Jones Santos Neves Filho (1966-1967) tornou-se o novo presidente do Sinduscon-ES, quinto na linha sucessória. Em 1968, ele criou o Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais no Espírito Santo Ltda. (INOCOOP-ES). A missão do instituto seria fomentar as cooperativas habitacionais no Estado, através do financiamento da casa própria para famílias de média e baixa renda. Ao ingressar na cooperativa, a pessoa pagava 5% do valor do imóvel durante a obra e os 95% restantes eram pagos durante 20 anos.

Nesse mesmo período, outra medida institucional decisiva adotada pelo Governo Estadual foi assumir o controle da Companhia de Habitação de Vitória. A decisão traria algumas mudanças efetivas, a começar pelo nome, que passou a ser Companhia Habitacional do Estado do Espírito Santo (COHAB-ES). Ainda em 1968, o engenheiro civil Wilmar dos Santos Barroso (1968-1971), considerado um ícone da engenharia no Espírito Santo, responsável por grandes avanços em construções e urbanismo, tornava-se o sexto presidente do Sinduscon-ES.

Em 1969, a criação do Fundo de Recuperação Econômica do Estado do Espírito Santo (Funres) contribuiu para o processo de consolidação das políticas de desenvolvimento regional. No total, foram investidos cerca de US\$ 165 milhões, em especial, na região da Grande Vitória. Mais tarde (1970-1980), esse fundo seria

11 É uma empresa de café que ganhou evidência na década de 1960 e que conquistou o mercado interno e externo de café solúvel.

12 Informação extraída do jornal Gazeta Online publicada na página do “Memória Capixaba” no Facebook (https://www.facebook.com/groups/memoriacapixaba/permalink/1453011118061211/?paipv=0&eav=Afa9urIzgfxAaE-p9UQ7sg9J8uUSU4BV-pqL08xyW1GXh2LQm40FkKGEv1lBxyQfyI&_rdr)

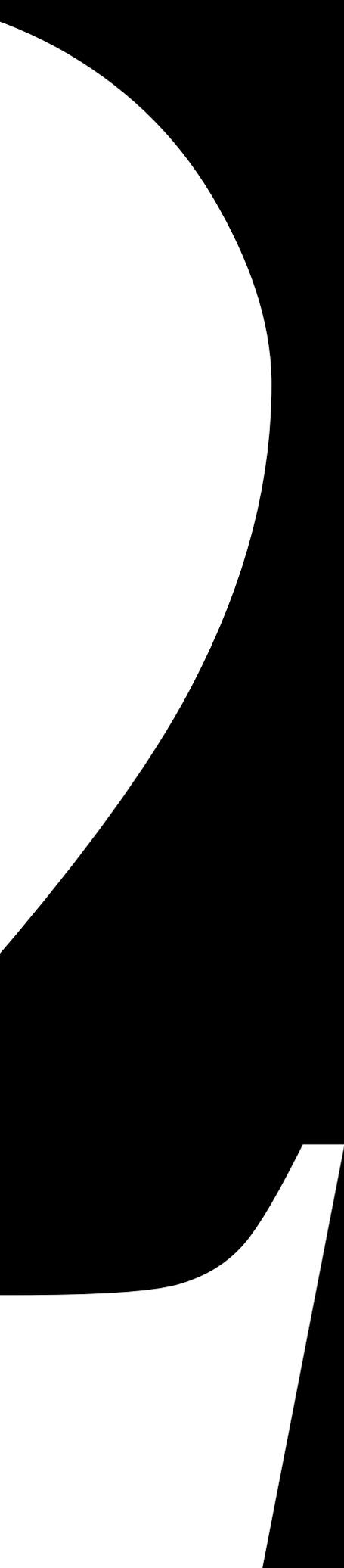
destinado à erradicação da produção cafeeira e no incremento do processo de industrialização do estado. No entanto, alguns anos depois, em 14 de outubro de 2014, ele seria extinto a partir da Portaria Nº 363 do Ministério da Integração Nacional.

No aspecto geográfico, não seriam apenas os terrenos ao redor do Parque Moscoso, originários de constantes aterros, que favorece-

riam a expansão das construções no Centro da cidade. A chamada Esplanada Capixaba foi considerada a última fronteira a ser explorada pela ocupação imobiliária, antes que ela se deslocasse para outras áreas urbanas, no começo dos anos 70. Nesse caso, o território das praias localizadas na ilha de Vitória seria considerado um ponto relevante de todo esse processo, configurando-se como a próxima parada no movimento expansionista.







CRESCIMENTO E CRISE

A ENGENHARIA SE
TRANSFORMA E
CONQUISTA NOVOS
ESPAÇOS

[1970 – 1989]

Na década de 1970, a Grande Vitória se torna um ambiente próspero, apoiado nas principais construções e em suas referências urbano-industriais. A produção cafeeira como base econômica ficara relegada a poucas áreas de cultivo, sobretudo, após o governo ter adotado um plano de erradicação dessa cultura.

O profundo movimento migratório de trabalhadores saídos do campo para a cidade e a infertilidade do solo para os novos cultivos do café refletiam esse cenário de crise, acirrada pela introdução da pecuária. A utilização de pouca mão de obra era a principal característica dessa atividade econômica. Com isso, a extinção do café se daria, paulatinamente, nos anos seguintes.

Em 1971, o presidente do Sinduscon-ES (chamado à época de Sindicon) era o engenheiro civil Osмир da Rocha Pimentel (1971-1974). Esse foi um período ainda bastante movimentado para o setor da construção, com as principais obras de infraestrutura sendo contratadas em várias partes do estado. Concomitante a isso, as práticas empresariais chegaram às lavouras e, a reboque delas, outras tecnologias foram sendo adotados com o objetivo de incrementar a produção do café.

Apesar da evolução que então se apresentava, a população rural continuava saindo em direção às cidades, sobretudo, em busca de novas oportunidades de trabalho nos centros urbanos. O fim de uma estrutura produtiva baseada no protecionismo provocaria essa quebra de paradigma e provocaria uma crescente necessidade de expansão das estruturas produtivas do Espírito Santo para outros mercados. Na realidade, alguns fatos já vinham corroborando essa situação.

As obras de infraestrutura iniciadas no passado, sobretudo na década de 1950, já vinham contribuindo com mudanças significativas que tiraram o Espírito Santo do seu completo isolamento. Algumas intervenções significativas nesse sentido, derivadas do plano de energia elétrica do governo Jones Santos Neves, foram importantes. Uma delas foi o plano que possibilitou a construção de barragens e usinas, tais como a de Rio Bonito, Suíça e Mascarenhas. Além disso, a implantação da malha rodoviária federal foi outra obra que promoveu a integração regional do Espírito Santo.

Uma etapa significativa nesse processo de crescimento do estado, a partir do incremento das suas bases industriais, foi a criação do Fundo de Recuperação Econômica do Espírito Santo (Funres). Iniciado na década de 1960, o fundo se estendeu pelos anos 70, sendo constituído pelo imposto de renda devido por pessoa física e empresas, a partir da renúncia do Governo Federal. O Estado também renunciaria a 5% do seu ICMS para compor os recursos do Funres. Nas décadas de 1970 a 1980, o montante de cerca de US\$ 165 milhões seria investido na infraestrutura urbana.

O embargo adotado pelos países árabes – maiores exportadores de petróleo – às nações que apoiavam Israel na guerra do Yom Kipur foi o estopim da crise ocorrida em 1973. O fato não impactaria tanto o Brasil, embora o país necessitasse exportar a commodity para ser tratada no exterior, importando-a em seguida. Após a posse do presidente Ernesto Geisel, em 1974, a primeira medida do novo presidente seria a adoção de uma política industrial seletiva, estimulada pelos recursos provenientes da dívida externa. Na década seguinte, essa postura política seria a responsável por implantar projetos de grande impacto no Espírito Santo.

SEM BARREIRAS

Uma prova substancial do momento de expansão do mercado imobiliário capixaba nos anos 70 foram as licenças emitidas pela Prefeitura Municipal de Vitória que encampavam uma área total de 800 mil m² de obras, entre os anos de 1971 e 1975. O país estava sob a égide do milagre econômico brasileiro, enquanto o Espírito Santo era impulsionado por uma forte política de investimento na industrialização capixaba. Essa seria uma forma de apagar um dos momentos mais críticos do estado ocorridos no passado, quando houve o colapso da produção cafeeira.

A democratização da moradia para a população com baixo poder aquisitivo que migrara do campo para a cidade foi garantida pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). Antes disso, as condições de financiamento para a quitação do imóvel eram estabelecidas pelo período de 24 a 30 meses. No entanto, com os prazos de amortização ampliados para 25 anos, a medida permitiu que um número maior de pessoas tivesse acesso à casa própria. O surgimento da incorporação ampliou ainda mais esse leque, sendo essa uma prática adotada pelas grandes empresas construtoras instaladas em terras capixabas.

Nesse período, construtoras como Ciec e Chrisógono Teixeira da Cruz tornaram-se verdadeiras escolas preparatórias. Após trabalharem e adquirirem experiência suficiente no mercado, os profissionais acabavam saindo dessas empresas para abrir o seu próprio negócio. Maior companhia do ramo de edificações capixabas, a empresa Ciec daria uma contribuição efetiva na formação de vários engenheiros, entre eles, os irmãos Helvécio e Edson Haje, que fundaram a Construtora Acta (1974).

Outros profissionais, como Luiz Carlos e Rogério Menezes, também irmãos, se juntaram aos engenheiros João Luiz de Menezes Tovar e Luís Paulo Brandão para fundar a construtora Metron (1977). Nesse cenário pontilhado por inúmeros profissionais tarimbados a exercer a engenharia com extrema dignidade e respeito, figura o engenheiro eletricitista Olavo Botelho de Almeida (1974-1979), que deu a sua valiosa contribuição na presidência do Sinduscon-ES (à época, Sinduscon-ES) na década de 70.

As incorporações desfrutavam da isenção de imposto de renda, o que ajudou consideravelmente na fundação de várias outras empresas atuantes nesse segmento. Entretanto, foi o incentivo público destinado à construção de novas moradias que impulsionou ainda mais o mercado. É o caso do INOCOOP-ES, que contribuiu com a expansão dos limites da região metropolitana, propiciando a formação de novos bairros mais afastados do centro. Além disso, foi a responsável por mediar a contratação de um total de 28 empresas envolvidas na construção de 19.826 unidades habitacionais em Vitória, Vila Velha e na Serra. Já a Cohab respondeu pela construção de um total de 11.144 moradias.

Em 1979, a inauguração da segunda ponte ou Ponte do Príncipe ¹³trouxe impactos positivos na política expansionista da capital capixaba, que passou a ser interligada à Vila Velha e à Cariacica. O ano de 1980 é marcado ainda por obras de expansão de grandes projetos, tais como a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), Aracruz Celulose, Samarco Mineração e as usinas de pelotização da Companhia Vale do Rio Doce – CRVD. Na época, o papel primordial dos sindicatos era buscar uma maior participação do empresário nessas obras de grande relevância na área industrial. Apesar dos avanços na indústria da construção, a década de 1980 seria uma das mais difíceis para a engenharia. O momento foi marcado pelo endividamento da população, alta taxa de juros, desvalorização cambial e a suspensão de toda e qualquer política pública, fosse na área social ou na área de desenvolvimento industrial.

O Banco Nacional de Habitação, responsável no passado por levantar recursos para a construção, sofreu amargamente com a crise e foi extinto nesse período. O Sistema Financeiro de Habitação também não conseguiria se reerguer. Um ponto em questão contribuiu favoravelmente para essa situação: a correção dos índices das prestações dos mutuários. Essas correções estavam atreladas aos índices dos salários, valores esses que se apresentavam muito aquém da inflação naquela época. Esse problema gerou um rombo sem proporções para o SFH.

¹³ Prevista para durar pouco mais de um ano, a construção da Segunda Ponte ou “Ponte do Príncipe” precisou atravessar três governos para finalmente ser inaugurada em 1979. O motivo da sua criação seria eliminar os engarrafamentos no trajeto Vitória-Vila Velha-Cariacica.



Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira

Nos anos seguintes, as atuações do INOCOOP e da COHAB garantiram que a população mais dependente do apoio público conseguisse adquirir sua moradia. E foi graças a essa ação que a indústria da construção não experimentou a completa estagnação. Outro alento nesse processo seria o surgimento da incorporação com foco na classe média, assim como as instituições públicas. O sindicato demonstrou a sua força e capacidade de atuar em momentos críticos como esse experimentado pelas empresas nos idos anos 80.

Nesse tempo, o Sinduscon-ES (na época Sindicon) estava sob a gestão do engenheiro civil Chrisógono Teixeira da Cruz (1980 – 1982), tendo como seu vice-presidente, João Luiz de Menezes Tovar. Na gestão seguinte, seria a vez do também engenheiro civil João Luiz de Menezes Tovar (1982-1990) assumir a presidência do Sindicato. Ambos estreitaram a relação da entidade com os órgãos públicos estaduais e foram muito presentes em discussões que envolviam a vida pública, como foi o caso do Plano de Desenvolvimento Urbano (PDU) de Vitória, implantado em 1984. Uma das principais bandeiras defendidas seria a maior participação dos empresários locais nas obras de expansão das grandes empresas localizadas no estado.

Para debelar a crise, o Governo Federal também apostou no incremento das exportações, sobretudo, dos semielaborados. A medida acabaria por beneficiar diretamente o Espírito Santo. O principal motivo disso é que no mercado capixaba existiam várias empresas atuantes no segmento de produtos que ainda necessitavam passar pelo processo de industrialização. Como resultado, o índice de crescimento industrial no Espírito Santo ficaria acima da média dos outros mercados nacionais.

É no ano de 1983 que surge a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, que acabaria tornando-se uma das maiores fornecedoras mundiais de aço de alta qualidade. Localizada na Serra, região metropolitana da Grande Vitória, a empresa contribuiu para a valorização da região e a geração de empregos (diretos e indiretos).



Ao longo do tempo, foram criados cerca de cinco mil empregos diretos e o mesmo número de indiretos. Sua completa infraestrutura permitiu-lhe garantir o abastecimento do mercado no Brasil e no exterior. Para garantir o escoamento da produção, um complexo portuário, que incluía o Terminal de Produtos Siderúrgicos de Praia Mole (1984) e o Terminal de Barcaças Oceânicas (inaugurada mais tarde em 2006), foram construídos nesse período. E, dessa forma, o Espírito Santo ia caminhando a passos largos. Apesar de alguns momentos críticos, essa seria considerada a era da construção dos condomínios fechados, em substituição às incorporações a preço de custo. A prática surgiu no início do ano de 1982 e se estenderia até 1985. Por conseguinte, os clientes de alta renda se tornaram os principais beneficiados. Entre os condomínios erguidos em Vitória, um em especial surgiria na Praia do Canto. No entanto, uma nova obra no segmento da infraestrutura deslocaria as atenções dos capixabas para outra região em potencial: Vila Velha.

Entre as obras de infraestrutura, em 1986 era construída a famosa Praça dos Namorados. Localizada entre os bairros Praia do Canto e Enseada do Suá, a praça constituiu-se como um dos espaços mais frequentados em função da sua área de lazer. Todos os dias, moradores da região e turistas frequentam o local, seja para praticar esportes ou, simplesmente, apreciar a bela vista. A Praça dos Namorados fica em frente à marina do Iate Clube do Espírito Santo (Ices).

A construção da Terceira Ponte, batizada pelo nome de Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça¹⁴, proporcionou aos moradores da cidade de Vila Velha uma nova realidade. Logo ficou perceptível que se iniciava um novo ciclo de crescente desenvolvimento da região. Prova disso é que, somente no ano de 1987, seriam aprovados e licenciados 29 projetos somente na orla da Praia da Costa. A aprovação da lei do uso e ocupação do solo também seria um importante recurso a favor da indústria da construção.

Em outubro desse mesmo ano, o Edifício do Palácio do Café seria

inaugurado para funcionar como sede do Centro do Comércio de Café de Vitória (CCCV). Localizado na Enseada do Suá, o projeto assinado pelo arquiteto Carlos Alberto Vivácqua tinha uma linguagem modernista e linhas arrojadas. Símbolo da importância do café no Estado do Espírito Santo, a construção tornou-se um dos marcos arquitetônicos mais importantes da cidade.

Inaugurada em 1989, tendo o Consórcio USIMEC/Odebrecht como construtora (a empresa era presidida por João Luiz de Menezes Tovar)¹⁵, a Terceira Ponte chegou para evoluciona Vila Velha. Afinal, essa era uma região onde existia farta oferta de terrenos a preços muito menores em relação à capital. Rapidamente a construção se expandiu para a região litorânea, composta pela Praia da Costa, Itapuã e Itaparica. No que se refere à legislação urbana, as regras eram menos rígidas quando comparadas às de Vitória, que acabara de ter o seu plano de ocupação aprovado.

Nos anos 90, o lançamento do Plano Cruzado pelo presidente Fernando Collor de Mello marcou uma nova fase na economia brasileira. Inicialmente, a medida traria benefícios para a indústria construtiva, com a crescente valorização dos imóveis. No entanto, um ano depois, a situação se inverteu e o mercado imobiliário entrou em uma espiral de queda dos preços. Para dirimir o eminente prejuízo, as atenções dos empresários se voltaram então para o mercado financeiro que, com a adoção do Plano Cruzado II, tornara-se a única fonte de recurso capaz de manter uma lucratividade mínima.

Com todas essas mudanças, os imóveis construídos na Praia do Canto destinados a atender uma fatia de clientes de alto padrão não estavam alcançando o ritmo de venda almejado. Considerado um bairro de classe média alta, os cerca de 40 empreendimentos na fase de finalização das obras corriam o risco de encalharem por ausência de compradores. Na década seguinte, novas soluções seriam encontradas pela indústria da construção. Porém, nem todas as empresas resistiriam a essas mudanças radicais, e muitos empresários ou decidiram se dedicar às obras públicas ou decretaram falência.

¹⁴ A Terceira Ponte é considerada a maior obra realizada no Estado do Espírito Santo. Com 3,33 km de extensão, foi construída para desafogar o trânsito das duas primeiras pontes: Ponte Florentino Ávidos e Ponte do Príncipe, respectivamente, primeira e segunda ponte.

¹⁵ João Luiz Menezes Tovar falou dos seis anos dedicados à construção da Terceira Ponte.



Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça por Vitor Jubini/MTur





**ASSIM CAMINHA
A CONSTRUÇÃO**

A BUSCA POR NOVOS
HORIZONTES E A
SUPERACÃO DOS
DESAFIOS

(1990 – 2000)

Os anos 90 se iniciam com uma profunda reflexão sobre a necessidade de reestruturação do setor da construção, diretamente impactado pelo Plano Collor. O bloqueio da poupança retirou o dinheiro circulante do mercado e restringiu o poder de compra do consumidor, em especial, das classes mais abastadas. Por conseguinte, foi acionado um sinal de alerta entre os empresários do setor quanto à venda dos imóveis de luxo, que, a essa altura, já apresentava uma queda acentuada. Para superar esses desafios, era preciso buscar novos horizontes que permitissem à indústria da construção seguir na sua trajetória.

As atenções dos empresários se voltaram, principalmente, para um segmento bastante valorizado no passado: os assalariados e os profissionais liberais. Atender a esse segmento de clientes exigiria mudanças austeras, com influência direta no preço dos imóveis, que precisaria ser reduzido para contemplar a nova realidade. Em contrapartida, esse é um período em que as empresas investiam em terrenos localizados na periferia de Vitória, com o intuito de conseguir participar dos programas de governo no segmento de moradias populares. No entanto, é preciso também focar na questão do custo-benefício.

Uma das principais metas da gestão do engenheiro civil Marcos Murad (1990-1992), eleito presidente do Sinduscon, seria exatamente buscar esse equilíbrio, com a criação de um centro de treinamento. Seu objetivo era oferecer cursos de aperfeiçoamento da mão de obra empregada, aumentando a produtividade e contribuindo para a redução dos índices de

desperdício, responsáveis pelo encarecimento dos imóveis. Nessa gestão é realizada a primeira edição da QUALICON-ES – Semana Capixaba da Qualidade, Inovação e Tecnologia na Construção. As dificuldades, contudo, não se restringiam somente a esse ponto em questão.

Com os recursos liberados em 1991, os imóveis passariam a ser considerados a nova “poupança”, ou seja, uma nova forma de investimento. No entanto, em dezembro desse mesmo ano, a Caixa Econômica Federal (CEF) assumiu o papel de agente operador do FGTS e fechou uma linha de financiamento direcionada à classe de baixa renda. Com isso, as cooperativas, responsáveis pelos contratos para a construção de imóveis destinados a esse público, deixaram de existir. A reboque desse movimento, outros bancos, como o Banestes, também fecharam suas operações. Apenas o Bemge conseguiu manter os seus financiamentos na construção capixaba, mas com foco nas empresas, que passaram a fazer o papel de mutuários ou avalistas junto ao banco.

Outro recurso foi a adoção de novas estratégias comerciais destinadas a atrair a atenção do mercado de classe média. Uma delas envolvia o famoso “escambo”, em que as construtoras passavam a aceitar como garantia os mais variados bens, entre eles, carros, telefones, armas, ouro e joias. Em 1994, essa seria uma das alternativas criadas pelas empresas para se manterem ativas no mercado. Como resultado, 60% dessas vendas ocorreriam a partir de financiamento direto entre as empresas incorporadoras/construtoras.

UM SOPRO DE ÂNIMO

Uma nova conjuntura econômica totalmente favorável ao setor da construção desponta ainda no ano de 1994. Os meses que antecederam a implantação do Plano Real sinalizavam que novas oportunidades surgiriam, principalmente, no que dizia respeito a melhores condições na aquisição de imóveis. O novo plano colocava novamente o mercado imobiliário em evidência, deixando no passado as operações financeiras. E as previsões do Sinduscon-ES refletiam esse direcionamento. A partir de uma breve avaliação, ficou claro que os lançamentos imobiliários cresceriam em torno de 50%, assim como os novos empregos, com variações entre 8% e 10%¹⁶.

Vale ressaltar que o Plano Diretor de Urbanismo implantado no ano de 1990, na capital capixaba, proporcionou à indústria da construção uma maior flexibilidade quanto ao gabarito dos prédios. A possibilidade de erguer edifícios mais altos torna as construções mais rentáveis. No bojo desses acontecimentos, Itaparica apresentou um verdadeiro boom imobiliário, nos anos seguintes. Jardim Camburi, Barro Vermelho e Enseada do Suá, em Vitória, foram alguns dos bairros que apresentaram um crescimento acentuado. Entretanto, devido à conjuntura econômica do país, as construções precisavam ser vendidas ainda a preço de custo, significando margens de lucro mais estreitas, porém mais seguras.

O 61º Encontro Nacional da Construção Civil (Enic) de 1994, em Vitória, discutiu exatamente essa nova dinâmica do mercado em relação aos valores dos imóveis. A abertura econômica estabeleceu uma prática diferenciada nas relações comerciais. Nesse momento, o preço do imóvel passou a ser ditado pelo mercado, e esse apresentava-se cada vez mais exigente. Na realidade, o que impulsionaria as empresas, tornando-as mais lucrativas, seria a redução do custo da obra.

A estratégia defendida pelo Sinduscon-ES (antes Sinduscon-ES), então presidido pelo administrador de empresas Cezar Augusto Villar de Mello (1992-1998) – antes de ocupar a presidência, ele também foi diretor da Comissão de Política e Relações do Traba-

lho (CPRT) – era investir em programas de Qualidade Total. A meta do programa passava pela racionalização do processo produtivo e pela consequente eliminação do desperdício. Contudo, para isso, uma parceria firmada entre o Sindicato, o Governo do Estado e a Secretaria de Educação lançava o programa “Alfabetização nos Canteiros de Obras”, que contribuía para que os trabalhadores fossem alfabetizados.

Ao colocar em prática essas novas exigências, o Sinduscon-ES (antes Sinduscon-ES) firmou parcerias com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Espírito Santo (SENAI-ES). O primeiro conduziu o treinamento em Qualidade Total, enquanto o segundo aplicou um curso de formação de profissionais polivalentes. O objetivo desse último seria o de possibilitar que o trabalhador detivesse um conhecimento mais vasto, permitindo-o contribuir de uma maneira mais eficaz em relação às suas atividades no canteiro de obras.

A preocupação do empresário em adotar processos produtivos mais racionais inaugurou uma nova fase da construção, impulsionada pela contratação de consultorias especializadas. Esse momento repercutiu ainda na valorização dos trabalhadores, a partir da adoção de um código de conduta que aliava dignidade e respeito. A implantação de recursos como a padronização dos procedimentos e a adoção dos 5 “s” – utilização, ordenação, limpeza, asseio e disciplina – possibilitaram a redução dos índices de acidentes. Ao longo desse processo, a especialização daria lugar ao conhecimento generalista.

Na segunda metade da década de 1990, a indústria da construção já havia conseguido transpor grandes obstáculos, sobretudo quanto à reestruturação da sua atividade e adoção de novas tecnologias. A ausência de financiamento público na construção de novas moradias, empobrecimento da classe média e o aumento da população, com o consequente encarecimento dos terrenos em função da forte demanda, foram decisivos na transformação do mercado. A cada dificuldade, uma solução encontrada pelos

¹⁶ Dados extraídos de entrevista publicada no livro “História da Construção e da Transformação das Cidades”, tendo como base matéria do jornal A Tribuna do dia 09 de janeiro de 1994.

empresários fortalecia ainda mais o setor. No entanto, em todas essas decisões, foi possível identificar a forte atuação do Sinduscon-ES (antes Sinduscon-ES) no sentido de atenuar os impactos negativos na indústria da construção.

Além de apoiar as empresas no seu processo de reestruturação, o Sindicato buscou conscientizar os empresários para as mudanças relacionadas às políticas públicas de habitação, impactadas pela extinção do Banco Nacional de Habitação (BNH). Essa lacuna precisaria ser preenchida com novas alternativas que tornassem o setor cada vez mais independente do estado. Em julho de 1996, surgiria o Serviço Social da Construção Civil do Estado do Espírito Santo (Seconci-ES) com a missão de cuidar da saúde e da segurança do trabalhador.

Após ocupar a diretoria de Relações Trabalhistas e a vice-presidência do sindicato durante a gestão de Cezar Augusto, o engenheiro civil José Eduardo Kossatz Berrêdo (1998-2004) chegava à presidência do Sinduscon-ES (antes Sinduscon-ES). Durante os dois mandatos, ele reestruturou a entidade e criou a posição de gestor na diretoria-executiva. Em tempos nos quais se falava em qualidade, investir em sistemas de gestão tornou-se uma prioridade. Nesse aspecto, a parceria firmada com o Centro de Tecnologia de Edificações – CTE foi de suma importância.

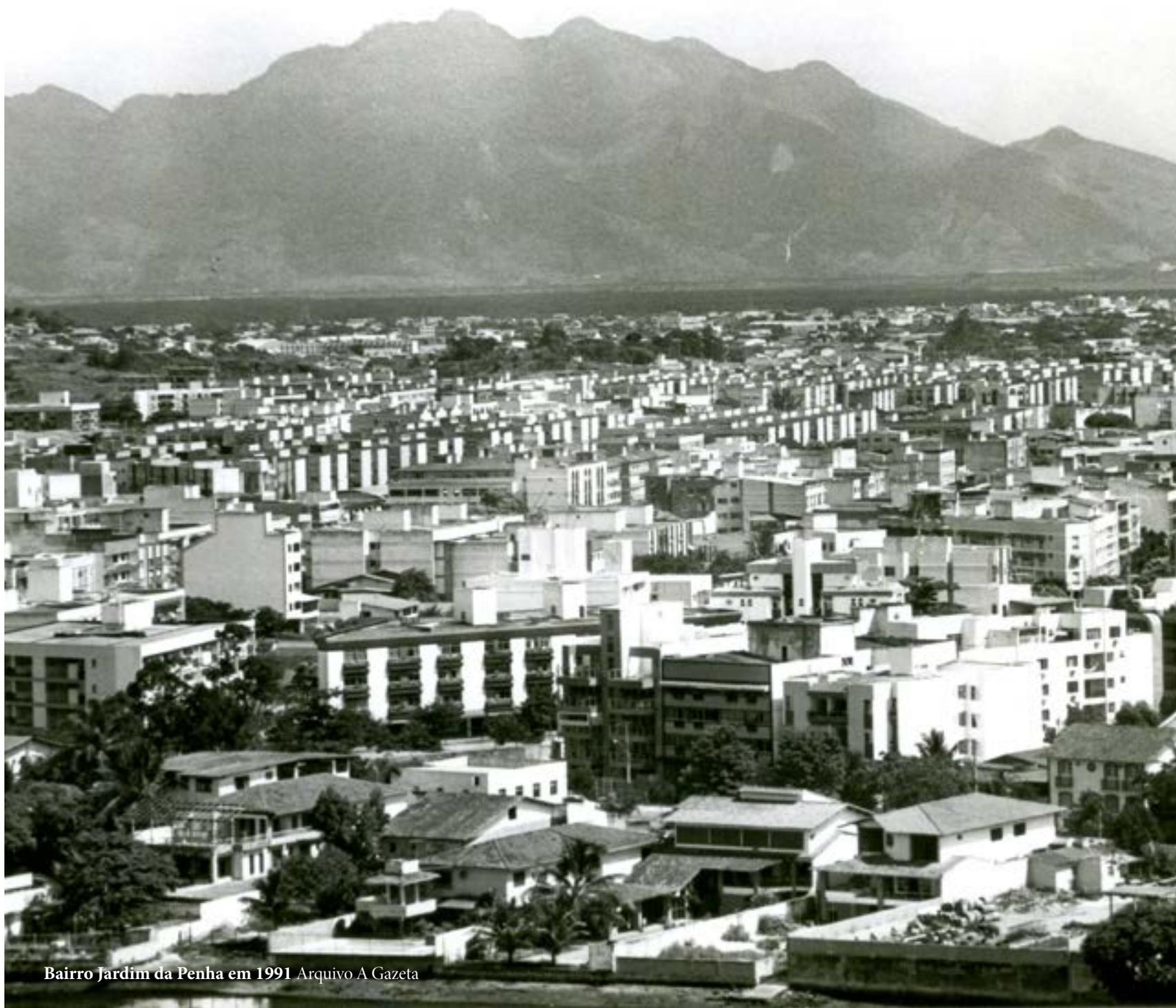
O Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat – PBQP-H do Governo Federal foi criado em 1998. Seu objetivo era o de promover a organização do setor da construção civil, a partir da melhoria da qualidade do habitat e da moderniza-

ção produtiva. Tendo por base esse programa, os órgãos públicos começaram a exigir várias certificações. Os empresários encontraram o respaldo necessário no Sinduscon-ES (antes Sinduscon-ES), que ofereceu a assessoria necessária para apoiá-los.

Municípios como Linhares, Colatina e Aracruz passaram por franco desenvolvimento nas décadas de 90 e 2000 – a primeira em função dos incentivos oriundos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) às empresas que se instalassem na região. Além disso, experimentou um intenso processo de industrialização que culminou em aumento do número de habitantes e melhorias na infraestrutura local.

Já Colatina passou a sediar um importante polo de comércios e serviços, principalmente, após a construção da segunda ponte. A oferta de 1.500 casas pelo Programa Minha Casa Minha Vida também contribuiu para o seu crescimento. O município de Aracruz passou por intensa expansão a partir do momento em que a Aracruz Celulose foi implantada no local. Mais tarde, com a descoberta do campo de Golfinho, a região atraiu ainda mais empresas.

Em fins dos anos 90, antevedo o impacto da reforma sindical, o Sinduscon-ES (antes Sinduscon-ES) estimulou a autossuficiência financeira das indústrias. Essa iniciativa possibilitou que o ecossistema empresarial capixaba chegasse ao novo século revigorado e com a autonomia necessária para buscar novos caminhos, pois a sobrevivência das empresas ligadas à construção ficou condicionada à capacidade de gerir os seus próprios recursos.



Bairro Jardim da Penha em 1991 Arquivo A Gazeta

PARTE II

O PODER RENOVADOR DA ENGENHARIA (2001 – 2024)



A METAMORFOSE DE UM SETOR

A INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO

CAMINHA A PASSOS LARGOS

[2001 – 2013]

O novo século se manifesta com significativas mudanças estruturais no setor construtivo. Desde a crescente verticalização dos imóveis nas orlas de Vitória e Vila Velha nas três últimas décadas, o novo objetivo era expandir a “fronteira imobiliária” para outras áreas, como Cariacica e Serra. A inclusão dessas novas áreas da Região Metropolitana da Grande Vitória fez parte de um fenômeno atribuído à chegada das grandes incorporadoras, que elevaram o aporte de capital, assim como o Valor Geral de Venda (VGV).

Em contrapartida, a busca por terrenos mais baratos e o investimento na verticalização dos imóveis ocorrida também nessas áreas seria a tônica do mercado. A partir desse momento, foram adotadas estratégias avançadas de inovação como parte de todo o processo. Uma característica marcante dos novos empreendimentos seriam os loteamentos de alto padrão, chamados de condomínios fechados. Sua consolidação em áreas onde até então o mercado de alto padrão não atuava, como era o caso da Serra, abriu um novo nicho de mercado.

A vantagem da região era que os terrenos de grande dimensão podiam ser adquiridos a preços menores, o que aumentava a possibilidade de ganhos das empresas. O marketing se encarregaria de desmistificar a ideia de que o local se destinava apenas aos segmentos populares e econômicos do mercado. Nessa época, a imagem do município estava relacionada à crescente violência e à pobreza.

Outra mudança conceitual dos novos projetos se resumia à ampla oferta de lazer oferecida dentro de um condomínio, podendo chegar a mais de 20 itens, tais como, adega, deck molhado, champagnerie, campo de golfe e quadra de squash. Nos materiais de divulgação do empreendimento, o termo “resort”, “park” ou “club” refletiam esse novo conceito do setor imobiliário, onde imperava a máxima de que o apartamento servia apenas para dormir, mas a vida acontecia mesmo nas áreas externas de convívio dentro do condomínio.

O Boulevard Lagoa¹⁷ é um bom exemplo dessa tendência em criar empreendimentos de alto padrão imobiliário em meio a áreas não valorizadas, movimento esse que perdurou pelos anos seguintes. Localizado na Serra, em 2022 seus lotes variavam dos 450 a 600m² ¹⁸. A depender da construção e da localização, uma casa pronta podia chegar a valores acima de R\$ 3 milhões. Fruto de uma concessão da Prefeitura da Serra, o loteamento ganhou status de bairro privado, sendo que as ruas e equipamentos públicos permaneceram sob o domínio da autarquia municipal.

Em 2002, percebendo a necessidade de acompanhar de perto todo esse processo, o presidente do Sinduscon-ES (antes Sinduscon-ES), José Eduardo criou um importante instrumento destinado a avaliar os avanços da construção: o Censo Imobiliário. O documento possibilitaria aos empresários o acesso a um amplo panorama do setor nos anos futuros.

Dois anos depois, em 2004, o nome da entidade passaria por mudanças fundamentais à sua uniformização, sobretudo, em relação às demais associadas à Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). Com isso, a entidade, então sob a gestão do engenheiro eletricista Aristóteles Passos Costa Neto (2004-2010), deixou de ser conhecida como Sinduscon-ES e passou a ser chamada de Sindicato da Indústria da Construção Civil do Espírito Santo (Sinduscon-ES). É no bojo dessa mudança que um novo capítulo da histórica evolução da entidade seria escrito.

Sob o slogan “Uma nova marca, a mesma Força”, surgia uma identidade visual mais moderna, criada por uma equipe de comunicação que ficou responsável por evidenciar a transição de forma eficiente. E o marco dessa mudança ocorreu exatamente no aniversário de 70 anos do Sindicato, marcado ainda pelo lançamento do livro “A História da Construção e da Transformação das Cidades”. Escrita pelo professor Carlos Teixeira de Campos Junior, da Universidade Federal do Espírito Santo, a obra serviu como fonte de consulta na produção desse livro.

17 Planejado em 2007, o Boulevard Lagoa foi entregue aos seus moradores, somente em 2011. Inicialmente, em 2013, existiam 40 residências; nove anos depois, esse número já havia saltado para 370 casas prontas e 130 em construção.

18 <https://www.portaltemponovo.com.br/boulevard-lagoa-e-um-bairro-e-nao-um-condominio-entenda-a-historia-e-o-porque/>



Boulevard Lagoa Imagem de divulgação no site Boulevard Lagoa

Empossado em março de 2004, Aristóteles, presidente do INOCOOPES (Instituto de de Orientação às Cooperativas Habitacionais no Espírito Santo) teve como primeiro desafio realizar uma nova edição do ENIC. Entretanto, essa não foi a única missão. Na época, existiam muitos loteamentos clandestinos que não respeitavam as normas da Lei 6766 de 19 de dezembro de 1979. Uma forma encontrada pelo então presidente do Sinduscon-ES foi criar a diretoria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente para acompanhar a situação e buscar equacioná-la.

A partir da criação dessa nova diretoria, Aristóteles trouxe para dentro do Sindicato esses loteadores que, até então, não possuíam nenhuma entidade representativa que atuasse em prol dos seus interesses. Com isso, tiveram acesso à legislação vigente e passaram a seguir padrões de qualidade preestabelecidos, o que contribuiu para a formalização da atividade. Esse seria um dos maiores ganhos da entidade.

Nesse período de 2008, uma importante parceria entre o Sinduscon-ES e o Instituto Gênesis culminou na criação do Projeto Escola de Fábrica. Para promover a inclusão social de jovens de baixa renda a partir da profissionalização, foram ministradas aulas práticas no canteiro de obras. A empresa podia indicar um filho ou qualquer familiar do seu funcionário que quisesse participar do projeto contanto que tivesse idade entre 16 e 24 anos. O Sindicato entrou com o espaço físico e o Gênesis com a orientação pedagógica.

Na miríade de relevantes construções que surgiram em Vitória

nesse período, o Global Tower é um bom exemplo do misto de inovação e adaptabilidade que venceu o dilema “crescimento imobiliário x urbanismo”. Concebido em 2006 e concluído em 2009, ele foi projetado pelo arquiteto Kennedy Vianna com uma orientação bem clara e definida de não “interferir” na vista que os moradores de Vitória tinham do Convento da Penha, em Vila Velha. Por esse motivo, sua volumetria escalonada presente no projeto fora projetada para deixar os vazios necessários e manter livre a vista da reta da Penha, atendendo às exigências do cliente, a Galwan Construtora e Incorporadora Ltda.

A proposta arquitetônica procurou distribuir os 24 andares de um modo que todas as unidades do edifício ficassem viradas para a baía de Vitória. Com isso, o arquiteto preservou a vista e o entorno graças a um conceito estrutural diferenciado e um tipo de implantação que se encarregava de minimizar os possíveis impactos. O projeto estrutural assinado pelo engenheiro calculista Carlos Augusto da Gama, da MCA, recebeu menção honrosa pela Associação Brasileira das Indústrias de Consultoria e Engenharia Estrutural – Destaque Abece 2007.

A busca por soluções inteligentes para práticas antigas coroou a indústria da construção no Brasil com a criação, em 2007, do Green Building Council Brasil (GBC Brasil). O Conselho tornou-se responsável por abalizar as novas construções, dando-lhes as condições necessárias para que recebessem o certificado de “sustentáveis”. No ano seguinte, tomando por base a certificação francesa HQE, o setor passaria a contar com um selo brasileiro de certificação chamado AQUA - Alta Qualidade Ambiental.

NOVOS RUMOS DA MORADIA POPULAR

A criação do Programa “Minha Casa Minha Vida”, iniciado em 2009 pelo Ministério das Cidades, proporcionou um novo fôlego na Política Nacional de Habitação. Com a expansão do crédito, a moradia voltou a ter as políticas públicas como foco de atenção. Além disso, a produção imobiliária deslocou-se da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) para outras regiões do Espírito Santo.

Com o mercado novamente aquecido, as contratações também ganharam fôlego. Foi registrada a abertura de 62 mil novos postos de trabalho. A intensa contratação também exigiu uma participação mais efetiva do Sinduscon-ES nas convenções coletivas. Aliás, esse foi o tema do 83º ENIC em 2011, justamente por ocasião do lançamento do Programa “Minha Casa Minha Vida 2”. A produtividade da construção brasileira e os financiamentos habitacionais estavam entre os temas mais debatidos.

O contato com a classe trabalhadora proporcionou um profundo aprendizado quanto à forma de equacionar crises e buscar soluções efetivas para ambas as partes. Todo esse trabalho contribuiu para burilar cada vez mais o poder de ação do Sindicato, que

ingressou em uma nova fase de expansão. Entretanto, sua atuação não ficaria circunscrita à Grande Vitória, estendendo-se para outros municípios.

A entidade também fincaria bandeiras em regiões como Linhares, Cachoeiro de Itapemirim, Colatina e Noroeste do Estado. Entretanto, não foi somente o raio de atuação do Sindicato que expandiu, mas também a sua estrutura física. A sede ganhou mais um pavimento em um total de quatro andares, além de espaço livre para a realização de atividades direcionadas às áreas de atuação do Sinduscon-ES.

Passados 15 anos de estabilização da moeda e da economia brasileira, o ano de 2009 também registraria uma intensa valorização do segmento imobiliário brasileiro, que foi classificado como altamente atrativo para os investidores estrangeiros. Aliás, esse movimento já vinha sendo sentido nos últimos dois anos, com o setor apresentando sinais evidentes de recuperação. O bom momento seria impulsionado, sobretudo, pela demanda proveniente das classes mais baixas, que voltaram a ter acesso ao crédito imobiliário.



Um dado apresentado pelo Banco Central (BACEN) revelava que 40,6% das operações de crédito eram destinadas à compra da casa própria. Mesmo diante de todas as dificuldades e o medo da crise, a população continuava firme no sonho de adquirir o seu primeiro imóvel próprio. Esse desejo contribuiu para que os indicadores permanecessem positivos, sobretudo após a liberação dos recursos do FGTS e da poupança para os financiamentos imobiliários. A estabilidade econômica, a queda de juros e o controle da inflação favoreceram os bons resultados do setor.

Os bons rumos da indústria da construção seriam corroborados pela pesquisa da Associação de Investidores Internacionais (Afi-re). De acordo com o resultado, o Brasil foi classificado, nessa época, como segundo melhor mercado para negócios imobiliários. Conforme a pesquisa, um dos seus maiores atrativos eram os recursos naturais de regiões como o Nordeste e o Pantanal, que já estavam na mira de alguns investidores de fora do país há algum tempo.

Para o presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Paulo Safady Simão, a avaliação positiva do mercado internacional em relação ao Brasil não era uma surpresa. Em sua declaração em janeiro de 2009, ele falou das diferenças do marco regulatório brasileiro em relação aos demais países. Na realidade, embora incipiente, o país ainda apresentava muitos nichos a serem trabalhados no setor¹⁹ da construção.

No início da década de 2010, embora a indústria vivesse a eferescência de sediar dois importantes eventos mundiais, a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016), a realidade do Espírito Santo era outra. Esse foi o momento em que o Sinduscon-ES aproveitou para “organizar a casa”, com a adoção de mudanças que tinham como objetivo impactar favoravelmente o setor. As políticas públicas de urbanismo, a legislação urbana e as obras públicas e corporativas eram algumas dessas medidas. Nesse momento, o Sindicato estava sob uma nova gestão, contando com a liderança do empresário Sebastião Constantino Dadalto (2010-2013) no cargo de presidente.



Nesse ano, durante a realização do 82º Encontro Nacional da Indústria da Construção (ENIC) em Maceió-AL, foi apresentado o Selo Casa Azul da Caixa. Lançada pela Caixa Econômica Federal, a iniciativa era uma demonstração de quanto as atenções estavam cada vez mais voltadas para as questões ambientais. A criação de um guia para orientar os empresários sobre como obter projetos mais sustentáveis a partir de mudanças no planejamento e na forma de construção visava minimizar os impactos ambientais.

No bojo dessas mudanças, a inauguração do Faça Fácil Cariacica foi outro recurso destinado a promover melhorias significativas na máquina pública estadual. Na época, as autoridades consideraram a inauguração um símbolo dessa reconstrução. A iniciativa permitiu ao capixaba acessar 400 tipos diferentes de serviços públicos, além de contar com a presença de vários órgãos, empresas e sindicatos das mais diferentes instâncias. O modelo permitiu não somente a desburocratização dos serviços públicos, como também aproximou os cidadãos a esse universo.

¹⁹ Informação extraída do site do SINDUSCON-ES, na seção “Notícias da Imprensa”, em janeiro de 2009.



Estaleiro Jurong Aracruz

No ano seguinte, em função do avanço da exploração do petróleo na camada do pré-sal, é anunciada a construção do Estaleiro Jurong Aracruz²⁰. A expectativa de investimentos em infraestrutura naval foi o que motivou a sua concepção na Barra do Sahy, em Aracruz, ao norte do Espírito Santo. Criado para atender à indústria do petróleo, o novo estaleiro full service ia atuar junto à construção naval, focando-se na transformação e reparação de equipamentos offshore. Sua área total chegava aos 82,5 hectares de área, enquanto a capacidade de processamento seria de quatro mil toneladas de aço por mês. Com relação ao número de empregos diretos e indiretos, acreditava-se que o novo empreendimento envolveria um quantitativo de seis mil pessoas.

O lançamento do Censo Imobiliário pelo Sinduscon-ES em março de 2012 marcou uma série histórica de 10 anos de observação do mercado imobiliário. O trabalho permitiu avaliar toda a evolução do setor. No início do censo em 2002, a abordagem era realizada em apenas sete bairros da Grande Vitória. No entanto, com o passar dos anos, esse número mais que triplicou, com a

ação sendo desenvolvida em 30 bairros nos quatro municípios capixabas: Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra.

Ao longo do tempo, o número de empreendimentos também apresentou uma crescente expansão. Traçando um comparativo: em 2002, foram construídas 7.870 unidades com mais de 800 m²; em 2011, esse número saltou para 33.191 unidades lançadas, representando um aumento de 322%. Em contrapartida, os imóveis reduziram em tamanho: dos 3 a 4 quartos iniciais, lançados no referido ano, a média de quartos por unidade era de, no máximo, dois. A pesquisa, que é realizada anualmente, também apresentou o Índice de Velocidade de Vendas. Com tanto conteúdo apresentado, o Censo passaria a ser considerado um importante material de consulta dos empresários do setor.

No ano de 2013, após uma série de estudos iniciados ainda em 2010, entrava em vigor a norma técnica NBR-15.575, instituída pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Essa norma tornou ainda mais tangível a preocupação com o siste-

²⁰ Com projeção de começar a operar em 2013, o Estaleiro Jurong Aracruz só iniciou suas atividades no final de 2016. O primeiro navio sonda do estado, o Arpoador, foi construído no Jurong, envolvendo um quantitativo de mais de 600 pessoas (Fonte: G1 Espírito Santo – 26/03/2016).

ma construtivo e os possíveis impactos ambientais dos materiais presente na Análise do Ciclo de Vida das construções. A sustentabilidade passou a ser considerada um importante requisito na avaliação da qualidade do edifício. E não demoraria para que a temática fosse discutida pelo próprio Sinduscon-ES, já na gestão do engenheiro electricista Aristóteles Passos Costa Neto (2013-2016), que retornava para um terceiro mandato não programado.

Em novembro desse ano, durante a Qualicon 2013 – Qualidade, Inovação e Tecnologia promovida pelo sindicato capixaba, foi discutido o impacto das certificações green buildings, que já vinham sendo consideradas pelos empresários como um forte diferencial de mercado. A constatação foi corroborada pelo diretor do Centro de Tecnologia de Edificações, Roberto de Souza, que ministrou uma palestra sobre “sustentabilidade na construção civil” durante o encontro. Mais conhecidos como “prédios verdes”,

eles tinham como uma das principais vantagens, a economia de água e de energia elétrica. Nos anos seguintes, esse diferencial seria ainda mais valorizado.

Nesse período, a crescente valorização do município capixaba da Serra criou uma demanda significativa por atendimento de urgência e emergência na região. Para atender a essa camada da população, o Hospital Estadual Dr. Jayme Santos Neves²¹ foi inaugurado em fevereiro de 2013. A unidade possuía 415 leitos destinados a pacientes com traumas ortopédicos e neurológicos, gestação de alto risco e terapia intensiva neonatal, além de ser referência no tratamento de queimados. Considerado o maior hospital público do Espírito Santo, com 100% do atendimento destinado aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), a unidade era administrada pela Associação Evangélica Beneficente Espírito Santense (AEBES), uma Organização Social (OS).

²¹ O Hospital Estadual Dr. Jayme Santos Neves (HEJSN) tornou-se um hospital de referência nos casos graves e potencialmente graves do coronavírus. Foi considerado o segundo maior hospital em atendimento a Covid-19 no Brasil.





AJUSTANDO OS PASSOS

A CRISE TESTA
AS ESTRUTURAS
DA INDÚSTRIA DA
CONSTRUÇÃO

[2014 - 2018]



Usina 8 da Vale Arquivo A Gazeta

50 • SINDUSCON-ES • **90 ANOS**

No ano de 2014, o setor da construção civil iniciava as suas atividades com o mais significativo Índice de Velocidade de Vendas (IVV) dos últimos dois anos, chegando a 9,8%. O cálculo realizado pelo Sinduscon-ES envolveu 30 empresas capixabas, que serviram de base para o levantamento. Considerado um termômetro do setor, o índice revelava um panorama sobre quais rumos os empresários deveriam adotar nos meses seguintes. Uma visão da dinâmica, do comportamento, do ritmo e do desempenho eram alguns dos quesitos avaliados pelo IVV. Nesse momento, as projeções dos índices não poderiam ser das mais favoráveis.

O período ficou marcado pelas grandes obras industriais, responsáveis por engrandecer o Estado do Espírito Santo. Três delas foram cruciais ao processo de desenvolvimento das regiões onde essas indústrias foram instaladas. O Programa Quarta Pelotização (P4P), primeira dessas obras, elevou em 37% a capacidade produtiva da Samarco. Localizado no município de Anchieta, litoral sul do Estado, o projeto envolveu investimentos da ordem de R\$ 5,4 bilhões. No mês de janeiro de 2014, a P4P entrava em funcionamento²².

Em agosto desse mesmo ano, a Usina 8 da Vale, após uma fase de teste, iniciava a sua produção de modo gradativo. A usina, que foi considerada o maior complexo de Tubarão e um dos maiores investimentos privados do Espírito Santo, teve sua capacidade produtiva elevada em 24%, passando de 7 milhões de toneladas para 36,2 milhões de toneladas de pelotas por ano. No total, foram empregadas mais de 12.200 pessoas, somente no período de implantação. A cada 10 postos de trabalho gerados, 9 foram ocupados por moradores do estado.

Maior produtora de aço bruto do país, a ArcelorMittal Tubarão vinha ampliando a sua influência no município da Serra desde 2004, quando aumentou em 218,2% o volume de compras dos fornecedores locais. Dois anos depois, um financiamento de R\$ 719,4 milhões do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) seria destinado à expansão da produção de 5 milhões para 7,5 milhões de toneladas de placas de aço/ano. Considerada líder entre os fornecedores de aço, a ArcelorMittal Tubarão é uma empresa importante para a região, pois responde pelo emprego direto de mais de 5 mil pessoas e o mesmo quantitativo de profissionais de modo indireto.

A grandiosidade de todos esses empreendimentos com alto nível de empregabilidade representou um quantitativo de mais de 30 mil operários, sendo que, desse número, 10 mil atuavam diretamente na indústria. Por conseguinte, esse período seria um dos mais combativos no que se referia às relações sindicais, conforme afirmara o presidente do Sinduscon-ES, Aristóteles Costa Neto, alguns anos mais tarde. Nessa época, existiam seis sindicatos laborais no Estado contra dois patronais. A relação capital-trabalho era repleta de conflitos que precisavam ser continuamente administrados a partir de reuniões apaziguadoras entre os representantes dos sindicatos patronais e as lideranças sindicais.

Essa também seria a era de ajustar os passos como uma forma de se preparar para os desafios futuros, sobretudo, no que se referia às questões políticas, econômicas e ambientais. Todas essas mudanças exigiram dos empresários um constante processo de atualização e reciclagem dos padrões construtivos das suas empresas.

22 <https://jornalempresariall.com.br/public/noticias/samarco/projeto-quarta-pelotizacao-p4p#:~:text=Obras%20As%20obras%20est%C3%A3o%20dentro,iniciadas%20em%20maio%20de%202011.>

CONSTANTE ATUALIZAÇÃO

Desde a primeira Qualicon, realizada em 1992, o Sinduscon-ES sempre atuou no mercado buscando a devida qualificação e acompanhando as inovações direcionadas ao setor da construção. A cada mudança ou novidade, a entidade orientava os seus associados com palestras técnicas ou cursos relacionados ao assunto. Foi assim em relação ao Programa de Capacitação na Norma de Desempenho em atendimento à ABNT NBR 15575:2013. O programa aplicado pelo CTE foi uma iniciativa da Comissão de Materiais e Tecnologia do Sindicato e destinou-se às construtoras, incorporadoras e projetistas.

A aplicação da norma de desempenho foi um dos assuntos discutidos na Qualicon de 2014, que teria ainda um painel sobre a utilização do aço na construção civil, a liderança inovadora e os custos processuais decorrentes dos acidentes de trabalho. Sempre na vanguarda dos incrementos tecnológicos, o uso do BIM (Building Information Model) na construção também foi debatido, assim como as energias alternativas e materiais sustentáveis. Em paralelo a essas discussões, o Seminário de Construções Civas e Montagens Industriais abordou temáticas importantes, como a tecnologia de construção e projetos em portos, o passaporte industrial e a gestão de obras.

A crise econômica de 2015 trouxe algumas turbulências, em especial após o país perder o grau de investimento pela Standard & Poor's (agência de risco). O rebaixamento da nota, que passou de BBB- para BB+, com perspectivas negativas, gerou algumas incertezas e impactou diretamente o setor da construção. Entre os reflexos negativos estavam a desmobilização de investimento em projetos estruturantes, a redução da oferta de crédito e o aumento do custo de capital.

Diante desse cenário de instabilidade, os empresários não se sentiam mais seguros em relação à recuperação do mercado, sobretudo, o imobiliário. Por conseguinte, a construção civil amargou uma queda de 7% e o fechamento de 483 mil postos de trabalho²³. Outros fatores seriam decisivos ao longo desse processo. A queda do PIB (Produto Interno Bruto) e da atividade industrial, além da falta de definição do orçamento para 2016 e da escalada

do dólar, foram alguns deles.

Diante de uma crise tão acentuada, o economista Eduardo Gianetti traçou um panorama nada favorável para a economia brasileira. A análise foi proferida durante o 87º Encontro Nacional da Indústria da Construção de 2015, na Bahia. “Estamos vivendo a pior reversão de expectativas da era republicana. Essa é a quinta recessão que o Brasil passa, e, ao contrário das demais, ainda não há perspectiva de recuperação ao longo do ano que vem”, afirmou. No entanto, nem tudo estava perdido. Gianetti afirmou ainda que “o Brasil era muito maior que a crise e que, no futuro, teria condições de sair dessa situação e se reerguer economicamente”.

O ano de 2016 teve seu início marcado por um “mar de incertezas” e um clima de pessimismo instalado entre os brasileiros. Na contramão dos fatos, havia apenas uma única constatação: o país precisava, imediatamente, de uma reforma política. Essa seria a decisão acertada na busca pelo desenvolvimento sustentado. Além disso, ao reconquistar a credibilidade, os investimentos também voltariam a circular pelos vários setores da economia. Entretanto, com o novo rebaixamento da Standard & Poors em menos de seis meses e a retirada do selo de “bom pagador”, os fatos não corroboravam as expectativas otimistas. Toda essa situação tornou a busca pelo equilíbrio fiscal e a retomada do crescimento ainda mais distante.

Na esfera do Sinduscon-ES, o início do ano de 2016 marcou também a chegada do engenheiro civil Paulo Alexandre Gallis Pereira Baraona (2016 a 2022) à presidência da entidade. Ele permaneceu no Sindicato durante duas gestões, sedimentando ainda mais o trabalho da entidade em prol do desenvolvimento das empresas. Todas as iniciativas tinham como objetivo solucionar problemas e driblar os desafios decorrentes das crises políticas e econômicas enfrentadas pelo mercado brasileiro. Nesse período, foram vários cursos, debates, eventos e ações que cumpriram com o papel de orientar o empresário nesse constante processo de renovação.

Uma característica marcante do Sinduscon-ES foi o posiciona-

²³ Os dados foram publicados no site do G1 e são do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusCon-SP) em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

mento não somente no que se referia às demandas do presente, como também a adoção de ações relevantes que iriam influenciar o futuro do setor. A parceria com órgãos públicos para promover a redução de resíduos gerados pela construção civil teve uma importância crucial nesse processo. Também trouxe impactos positivos a assinatura de um Termo de Cooperação Técnica entre o Sindicato, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e a Associação dos Locatários de Caçamba Estacionária (ALOCE-ES). No teor do documento, a geração, transporte e recepção de resíduos passaram a ser consideradas uma responsabilidade coletiva.

Nessa gestão, a necessidade de manter uma relação saudável entre as autarquias estaduais e a iniciativa privada ficaria muito clara entre os empresários e as lideranças do setor. Partindo dessa premissa, as comissões de Obras Públicas e Obras Corporativas do Sinduscon-ES foram fundidas para dar origem à Coinfra (Comissão de Infraestrutura). Com isso, os assuntos relacionados às obras públicas, industriais, corporativas, parcerias público-privadas e concessões passaram a ser tratados por uma única diretoria, o que potencializou ainda mais o foco da ação.

A meta era desmistificar toda e qualquer temática relacionada ao mercado, evidenciando a necessidade de buscar soluções coletivas, com total divisão de responsabilidades. Essa iniciativa de ampliar o relacionamento com as esferas estaduais se anteciperia a um movimento iniciado pelo Governo Federal, com a criação de um importante ato normativo.

Em maio de 2016, entrava em vigor a Medida Provisória 727/2016, referente ao Programa de Parcerias e Investimentos (PPI), cuja missão era fortalecer o relacionamento entre o estado e a iniciativa privada. Logo em seguida, seriam firmados contratos de parceria voltados para a execução de empreendimentos públicos de infraestrutura, além de outras medidas de desestatização.

A reboque das parcerias público-privadas, também foram criados mecanismos destinados a corrigir possíveis desvios e promover avanços no combate à corrupção. O Guia de Ética e Compliance para Instituições e Empresas da Construção Civil, lançado pela



Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), tinha por base essa premissa: fortalecer os mecanismos de controle interno e modernizar a gestão de entidades e empresas a partir de 12 pontos estruturantes.

Duas obras que marcaram essa parceria público-privada são o Hospital Estadual Jayme Santos Neves e o Aeroporto Eurico de Aguiar Salles. A primeira delas, inaugurada em 2013, conquistou o status de uma das mais modernas unidades hospitalares do Estado do Espírito Santo. Já o aeroporto, que fora anunciado em 2005, só teve as suas obras concluídas em 2018, após investimentos da ordem de R\$ 559,4 milhões. Logo após a sua inauguração, o Eurico Salles recebeu o título de melhor terminal aeroportuário, com capacidade para receber até cinco milhões de passageiros ao ano.

Seguindo o curso das principais obras, o presidente do Sinduscon-ES, Paulo Baraona, juntamente com Aristóteles Passos Costa Neto (ex-presidente da entidade) e seus diretores, estiveram presentes em um lançamento importante, ocorrido em agosto de 2016. O projeto, fruto de uma parceria entre o Governo Federal e o Governo do Estado, foi realizado por meio do Departamento

Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT). O Contorno do Mestre Álvaro, uma rodovia idealizada desde 2008, tinha uma missão: encurtar o trajeto entre os municípios capixabas da Serra e de Cariacica em 15km.

O resultado desse encurtamento demonstrou-se eficiente ao desafogar o trânsito entre os dois municípios em 40%. Além disso, a nova rodovia não só facilitou a mobilidade urbana, como também trouxe um forte desenvolvimento econômico para a região. Consolidado com uma extensão de 19,7 km em pavimento de concreto armado e projetado para cortar mais de 30 bairros do município, o contorno foi inaugurado somente no final do ano de 2023. Contudo, desde o seu funcionamento, tem-se evidenciado o impacto positivo que a obra trouxe para os dois municípios.

Em 2017, a indústria da construção ainda patinava. Os resultados corroboravam com os números nada otimistas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o setor já havia caído mais do que a economia. A queda acumulada desde o segundo trimestre de 2013 revelava um percentual de 14,3% contra o PIB total, que recuou 5,5% nos últimos quatro anos. No entanto, no segundo semestre do ano de 2017, foi registrada uma leve recuperação da indústria, com a criação de cerca de mil novos postos de trabalho.

Quanto à situação da indústria da construção do Espírito Santo, era possível vislumbrar uma leve recuperação, após três anos desafiadores – entre 2014 e 2016 –, principalmente, em relação ao nível de empregos. Ao contrário do saldo líquido de emprego (pessoas admitidas e demitidas do setor) de 2015, saldo de -11.544, foi observado que, no ano de 2017, esse número teve uma redução de -822. Porém, no primeiro semestre do ano seguinte, esse resultado passou a ficar positivo²⁴.

Para acompanhar as constantes mudanças e demandas do mercado, o Sinduscon-ES sempre manteve um passo à frente dos acontecimentos, buscando orientar os seus associados para a adoção das medidas e posturas que fossem necessárias ao longo do processo. Uma dessas medidas, acompanhadas pela Comissão de Meio Ambiente do Sindicato, referia-se à implementação da gestão de resíduos pelas empresas do setor.

Tomando por base a Lei 12.305 de 2010, os empresários da in-

dústria precisavam adequar os seus processos para que os resíduos de construção e demolição fossem devidamente aproveitados, transformando-os em areia, brita e pedrisco, entre outros materiais. A preocupação em dirimir os principais impactos ambientais advindos da indústria da construção, considerada uma das mais poluentes do planeta, sempre suscitou a atenção da entidade, ao longo dos últimos anos. E esse trabalho não se extinguiu nas questões relacionadas ao meio ambiente.

Acompanhar a constante evolução da indústria da construção, ampliando o foco na qualidade e na busca pela redução de custo e modernização do setor, foi outra meta adotada, desde o início, pelas lideranças capixabas. Com o novo regimento do Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H) do SiAC – Sistema de Avaliação da Conformidade de Empresas de Serviços e Obras da Construção Civil, o Sinduscon-ES logo partiu em busca da atualização dessa nova vertente do programa junto às empresas associadas.

A publicação da Portaria nº 13, de 6 de janeiro de 2017, destacava as mudanças do novo regimento do SiAC – PBQP-H. Para que as empresas certificadas em 2012 ficassem em conformidade com as exigências recém-reformuladas, o Sindicato ofereceu o curso “Novo PBQP-H 2017”. O prazo de transição determinado pela portaria para que as empresas se adequassem era de 180 dias. Essa iniciativa contou com o apoio da Comissão de Materiais e Tecnologias do Sinduscon-ES.

Em consonância com as tendências do mercado, a Castelo Construtora lançava em 2017, na Praia da Costa, em Vila Velha, o Mubadalla Office. A nova construção fora inspirada nos principais centros comerciais do mundo. Além de inteligente e funcional, o destaque do Centro empresarial está concentrado nos traços arquitetônicos diferenciados em relação aos demais edifícios. Outro de seus atrativos é que ele está totalmente baseado no que existe de mais moderno na arquitetura e na engenharia comercial.

No quesito fachada, o que chamava mais atenção dos capixabas eram as varandas, que, consideradas incomuns em prédios comerciais, permitiam uma visão 360º graus. Projetado para dar

24 Dados extraídos do Fato Econômico Capixaba, de setembro de 2018.

Mubadalla Office



conforto e segurança, o Mubadalla elevou mais ainda o status dos prédios comerciais da região.

Nesse cenário de grandes mudanças, uma estaria diretamente relacionada ao papel do movimento sindical no Brasil. Em setembro do mesmo ano de 2017, entrava em vigor a Lei 13.467 originária da reforma trabalhista, que aplicava novas regras e exigências nas relações do trabalho. Uma dessas medidas tinha como finalidade tornar facultativa a contribuição sindical, impactando diretamente na receita dos sindicatos de todo o país. O Sinduscon-ES considerou a decisão justa e democrática, baseado no princípio de que a medida conferia ao trabalhador o direito de escolha. Em contrapartida, a Lei exigiu que as estruturas sindicais se readaptassem ao seu antigo modelo de atuação.

A partir desse momento, a relação sindical inaugurou um novo capítulo na sua trajetória. O sindicato passou a ser regido sob uma nova égide, na qual era preciso mostrar para o associado o importante protagonismo desempenhado pela entidade na defesa dos interesses do setor da construção e, consequentemente, dos seus empresários. Em contrapartida, era necessário que eles identificassem a importância do trabalho desenvolvido para que a valorização pudesse se estabelecer de fato. De acordo com Paulo Baraona, “esse seria um divisor de águas”, afirmação essa proferida alguns anos depois. A possibilidade de manter uma relação de parceria com seus pares era outro ponto positivo de estar associado a uma entidade de classe.

O 90º Encontro Nacional da Indústria da Construção (Enic), re-

alizado em Florianópolis-SC, difundiu uma importante temática que já delineava a indústria da construção e se intensificaria nos anos seguintes. Com o foco totalmente voltado para as questões ambientais, o painel “Tendências da Construção Sustentável 2018/2020” apresentou aos empresários do setor novas tecnologias, tais como os Edifícios Zero-Net-Energy (energia zero), “Edifícios saudáveis” e “Cidades e economia compartilhada”. Durante o encontro, também foram delineados os compromissos e ações da indústria para o “Fórum Mundial da Água 2018”, entre outras temáticas “verdes”.

O encontro marcou um momento em que as atenções do empresariado estavam todas voltadas para as ações futuras. Um bom exemplo disso foi o próprio painel do 90º Enic, intitulado “O Brasil que queremos no futuro – a agenda estratégica para um crescimento sustentado”. A temática foi mediada por dois economistas renomados no país, Pérsio Arida e Paulo Guedes. É bom destacar que algumas das mais importantes obras do município de Vila Velha já haviam mergulhado nessa tendência. O Conexão Sustentável da Lorenge e o Shopping de Vila Velha são um bom exemplo de quanto soluções simples tornaram-se tão relevantes quando o assunto tinha o meio ambiente como tema central.

Baseado na proposta dos “edifícios verdes”, o empreendimento da Lorenge foi projetado com itens que o tornaram uma construção sustentável. Entre eles, o aproveitamento da água pluvial, com a instalação de reservatório de água; depósitos para a coleta de lixo reciclável; utilização de madeiras de reflorestamento em vários detalhes do edifício. A construção do Shopping Vila Velha teve como princípio a adoção de processos construtivos que não agredissem o meio ambiente. Por isso, o teto de vidro, destinado ao aproveitamento da luz natural; a água da chuva, que também poderia ser aproveitada; as escadas rolantes inteligentes, com um dispositivo destinado a reduzir a velocidade quando elas não estão sendo usadas.

Nesse período de 2018, o mercado imobiliário começava a dar sinais de vida, com vários lançamentos de imóveis previstos para a

Serra e Vila Velha, dentro do Programa Minha Casa Minha Vida. O 32º Censo Imobiliário do Sinduscon-ES revelou que o volume de empreendimentos lançados no segmento residencial era o maior dos últimos quatro anos. No entanto, quando se fala sobre o município da Serra, fica evidente o quanto a região evoluiu nos últimos anos, sobretudo após a inauguração da Rodovia do Contorno do Mestre Álvaro, que gerou mais de 1.4 mil empregos diretos e indiretos, sendo responsável ainda pelo crescimento do comércio no entorno.

Nos últimos anos, Vila Velha também registrou um processo de crescimento acentuado, com a chegada de dois novos empreendimentos. O Boulevard Shopping Vila Velha (2012) e o Shopping Vila Velha (2014), já abordado, trouxeram um novo dinamismo para o município. No bairro de Itaparica, um dos mais populosos de Vila Velha, prevaleceu a cultura da sustentabilidade a partir da adoção de estratégias destinadas a oferecer toda uma gama de serviços próximos à moradia. Desde o início, a ideia foi diminuir o deslocamento dos seus moradores e reduzir a emissão de gás carbônico proveniente dos veículos. A criação de distritos industriais, através das Zonas de Processamento de Exportação, representou um crescimento ainda maior para a região.

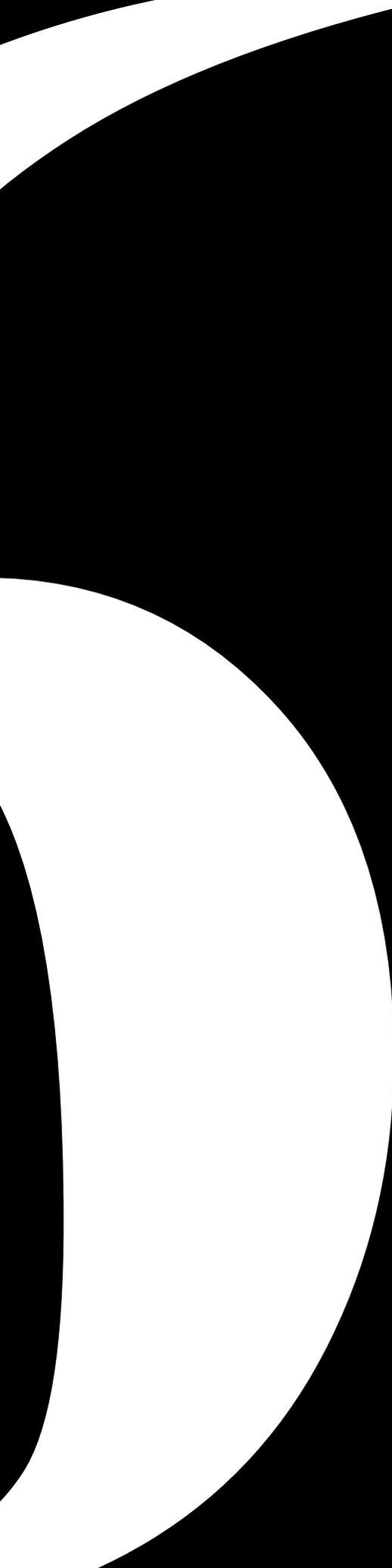
Com foco ainda nos municípios capixabas que têm apresentado franco desenvolvimento nos últimos anos, Cariacica também se encontrava nessa lista. Nas décadas passadas, após atrair enormes fluxos migratórios que chegavam ao município em busca de emprego, os habitantes puderam sentir os impactos positivos, com a inauguração do Shopping Moxuara (2014).

Construído em uma área de 30 mil m² e um quantitativo de 236 lojas, o empreendimento comercial se tornou um importante gerador de empregos e impulsionador do comércio local. Um outro avanço para a região foi a inauguração da Rodovia Leste-Oeste, em 2018. Localizado entre o Porto de Capuaba e as rodovias federais de vários Estados, o novo sistema viário possibilitou que o transporte de cargas se tornasse ainda mais eficiente.

Shopping Vila Velha







**SUPERANDO
OBSTÁCULOS**

QUANDO OS DESAFIOS
DE ORDEM MUNDIAL
SE REVERTEM EM
CRESCIMENTO

(2019 – 2023)

O ano de 2019 foi considerado um divisor de águas na indústria da construção brasileira, que há cinco anos vinha amargando resultados nada favoráveis. Além de 1,9 milhão de pessoas empregadas no setor, seriam absorvidos ainda mais 32,5 mil novos trabalhadores, representando uma alta de 1,7%. Esse resultado seria um alento em relação aos índices dos últimos nove anos, quando 22,5% dos postos de trabalho precisaram ser fechados, deixando sem emprego um total de 554,1 mil trabalhadores.

O referido processo de retomada do crescimento foi identificado a partir da Pesquisa Anual da Indústria da Construção (PAIC). O diagnóstico, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considerou, nessa análise, tanto o volume de negócios gerados, quanto as principais demandas do mercado.

A indústria da construção gerou um volume que alcançou a casa dos R\$ 288 bilhões. Desse total, R\$ 273,8 bilhões foram movimentados a partir das obras e serviços de construção, enquanto os R\$ 14,2 bilhões restantes tinham as incorporações como a origem dos seus negócios. Desse volume maior de R\$ 273,8 bilhões, R\$ 127,3 bilhões vieram da construção de edifícios; R\$ 92,8, resultantes das obras de infraestrutura contratadas; R\$ 67,9 bilhões eram provenientes dos serviços especializados para a construção.

Impulsionados pelas estatísticas favoráveis, os empresários capixabas demonstravam-se otimistas com o cenário que então se apresentava. Uma pesquisa coordenada pelo ICEI-Construção foi considerada como um atestado fiel desse momento de grandes expectativas. Nessa verificação havia não somente um registro do aumento da confiança na recuperação do setor, como também foram levantadas várias demonstrações sobre o grau de investimento, que seria ainda maior do que o do ano anterior.

Em dezembro de 2019, a previsão era de que os investimentos iriam ultrapassar a casa dos 44,2% para os 63,6 pontos. No entanto, esse resultado positivo estava atrelado à recente evolução da indústria da construção. O aumento de expectativa e da política

de investimento combinada com a confiança do empresariado local (principalmente) tornaram-se bons indicadores e uma significativa certeza de que o futuro seria próspero.

Apesar dos “bons ventos”, ainda existiam algumas questões a serem equacionadas para que a indústria da construção voltasse a crescer substancialmente. Uma delas seria a retomada das obras públicas de infraestrutura, ainda inacabadas no país. De acordo com a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), naquela época existiam cerca de 4,7 mil empreendimentos que estavam paralisados, o equivalente a R\$ 135 bilhões de investimentos, sendo que, desse total, R\$ 65 bilhões já haviam sido executados.

O assunto fora tratado no 91º Encontro Nacional da Indústria da Construção, que teve como escopo a discussão das estratégias a serem desenvolvidas nos anos futuros, sobretudo no que se referia aos mecanismos e tecnologias destinados a aumentar as potencialidades do setor. Durante o encontro, o presidente da CBIC, José Carlos Martins, falou sobre os empreendimentos paralisados e a necessidade de reativar essas obras por meio das parcerias público-privadas, o que proporcionaria a geração de 500 mil empregos.

O tema “sustentabilidade” já era uma constante em pautas do setor, mas teve sua discussão aquecida nos anos seguintes. Encontros como o da Qualicon 2019, organizado pelo Sinduscon-ES, discutiam esse assunto de modo recorrente. Na realidade, o tema já vinha sendo debatido por vários setores da economia, desde a década de 1970, com o objetivo de buscar soluções que contribuíssem na redução de impactos ao meio ambiente.

Na edição da Qualicon 2019, a “Construção 2030” e a inovação nos sistemas de aço foram incluídos entre os temas abordados durante o encontro. Nessa época, havia uma necessidade premente de orientar os empresários da construção para as novas tecnologias que já estavam sendo adotadas pelas indústrias.

FORA DA ORDEM

O ano de 2020 teve início com projeções consideradas bastante otimistas para a indústria da construção. Acreditava-se que o ritmo de crescimento permaneceria o mesmo, alcançando o patamar de 3%. Afinal, o ano de 2019 quebrou um jejum de cinco anos de ostracismo, marcado pelo crescimento de 2% em relação ao ano anterior. Com isso, era mais do que justificável essa boa expectativa em relação ao futuro desempenho do setor naquele ano.

De acordo com as previsões, a autoconstrução e as reformas seriam as principais responsáveis por “puxar” toda essa projeção positiva. Paralelamente a isso, o setor de edificações residenciais também exercia forte protagonismo, influenciando no segmento de serviços especializados. Em contrapartida, as obras de infraestrutura, responsáveis por ditar o ritmo do país, pareciam estar, mais uma vez, fadadas à lentidão.

Com os juros baixos, permitindo um custo menor nos financiamentos, ficava muito evidente que a retomada seria a partir do lançamento de novos empreendimentos imobiliários. Vitória e Vila Velha estavam no radar das construtoras capixabas que pretendiam erguer, entre uma região e outra, um quantitativo de 3.500 novos imóveis.

Esse movimento construtivo mais robusto movimentaria o setor, respondendo pelo emprego direto de 5 mil trabalhadores e indireto de 25 mil. Os bairros mais procurados pela indústria da construção nesse momento eram a Praia da Costa, Praia da Itaparica e Itapuã. Esses dados foram apresentados pelo então presidente do Sinduscon-ES, Paulo Baraona, durante um encontro das lideranças do setor.

Empresas como Galwan e Morar Construtora, por exemplo, previam, respectivamente, seis e cinco lançamentos nas referidas regiões. Os produtos prontos também exerceram um grande atrativo nesse período, em especial, em função dos preços convidativos. Contudo, os projetos ainda na planta estavam alcançando um papel importante na vida do capixaba e a tendência é que voltariam a apresentar uma crescente valorização, maior do que a do ano passado.

Enquanto isso, no âmbito das políticas públicas de habitação, eram previstas alterações no “Minha Casa, Minha Vida”, a começar pelo nome. Desde a sua criação, o programa sempre foi considerado um dos pilares no segmento da construção no país. Por outro lado, também era motivo de preocupação por parte das entidades do setor construtivo. No entanto, não demoraria muito para que algo ficasse fora da ordem mundial.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretava o início da pandemia. A notícia colocou o mundo em estado de alerta e a construção civil saiu do patamar relacionado à franca ascensão para a de total paralisação, tornando o setor da construção um dos mais afetados no primeiro semestre de 2020. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) identificaram o fechamento de mais de 440 mil postos de trabalho em relação ao mesmo período de 2019, apenas no primeiro trimestre do ano.

Projetos engavetados, lançamentos adiados e uma enorme incerteza quanto aos rumos do país e, em especial, no que se referia ao setor da construção eram a radiografia do setor nesse período. A obrigatoriedade na adoção de normas de segurança, até então desconhecidas por todos, causou a paralisação de várias obras e a consequente demissão de vários trabalhadores.

Ao longo desse período, a mão de obra informal foi uma das mais afetadas. O papel do Sindicato foi crucial para acalmar os ânimos dos empresários. A entidade assumiu a missão de buscar os recursos necessários para garantir a segurança adequada e proporcionar que as atividades pudessem ser retomadas, atenuando, dessa forma, um pouco desse impacto.

Duas medidas provisórias de número 927/20 (do Trabalho) e 936/20 (redução proporcional de jornada de trabalho e salário) também foram decisivas para que as empresas se mantivessem operantes nesse período de muitas incertezas. A primeira previa medidas de enfrentamento, em um estágio de total calamidade pública, enquanto a segunda possibilitava aos empregadores reduzir, temporariamente, as jornadas e salários dos trabalhadores.

O Sinduscon-ES apoiou fortemente as medidas e intensificou suas ações em prol da saúde e segurança da mão de obra empregada, contribuindo com informações relevantes aos empresários, tais como a lista de fornecedores de máscara, álcool em gel e protetor facial. Nesse sentido, a parceria entre o Sindicato e o Findes foi importante em todo o processo de prevenção e contenção do contágio pelo coronavírus, sobretudo nos canteiros de obras.

Com preços menores e juros baixos, o setor imobiliário - que em 2019, foi um dos destaques da economia, com crescimento de 9,7% - em meio à pandemia se tornaria um negócio atrativo para os investidores. Além disso, a Caixa Econômica Federal liberou R\$ 43 milhões para que as incorporadoras aliviassem a tensão entre os mutuários da casa própria. A medida tinha ainda como objetivo incentivar as pessoas físicas a também contratarem o crédito imobiliário.

Embora o momento fosse de atenção, existia uma expectativa de que, no segundo semestre do ano, as atividades da indústria da construção voltassem à normalidade, em especial pela importância do setor para a economia do país. Em suas afirmações, o presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), José Carlos Martins, destacaria a importância do setor. “A indústria da construção civil é o alicerce da economia do país. É o que mantém uma relação direta com 62 setores na área industrial e comercial e mais 35 setores na área de serviços”.

Em agosto de 2020, o novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) confirmava um saldo positivo de 50.489 novos postos de trabalho com carteira assinada. Os estudos eram conclusivos quanto à importância da construção de edifícios para elevar esse índice. No total, o segmento gerou 17.044 postos de trabalho, somente nesse mês de agosto.

O segmento de obras de infraestrutura apresentou um crescimento considerável, gerando 20.546 postos de trabalho. Os serviços especializados para a construção responderam por um quantitativo de 12.899 vagas no mercado. Esses números positivos na construção eram referentes a toda a Região Sudeste. O único diferencial do Espírito Santo em relação aos demais estados se referia aos valores cobrados pelos cartórios capixabas.

Aliás, essa era uma relação que sempre requereu a atenção do Sinduscon-ES. O então vice-presidente Aristóteles Passos Costa Neto vinha acompanhando o sistema cartorário há mais de duas décadas. Nesse tempo, a tabela onerosa praticada no mercado imobiliário capixaba gerava custos altos em relação às escrituras, certidões e registros, sendo responsável pela institucionalização dos famosos “contratos de gaveta”.

Com o Programa “Casa Verde e Amarela”, em substituição ao “Minha Casa, Minha Vida”, o Governo Federal inaugurou o ano de 2021 embalado em uma nova política habitacional. A meta era atender 1,6 milhão de famílias de baixa renda, a partir de um financiamento habitacional que perduraria até o ano de 2024. Com isso, acreditava-se que 350 mil residências teriam um incremento maior em relação aos parâmetros que estavam sendo apresentados naquele momento.

Para atender a esses objetivos, foram estabelecidas negociações com duas instituições importantes nesse processo: o Conselho Curador do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), responsável por subsidiar o programa, e a Caixa Econômica Federal, que atuava no papel de agente financeiro.

A facilidade nas condições de financiamento e a baixa taxa de juros puxariam a indústria imobiliária para um momento de índices positivos. Esse resultado foi marcado, principalmente, pela redução dos estoques nesse período – em função da alta demanda – e o lançamento de novos empreendimentos, dois fatores que se somaram também aos acontecimentos resultantes da pandemia.

Embora o mercado imobiliário estivesse retraído quanto aos seus planos de lançar novos empreendimentos em 2020, devido às incertezas geradas pela pandemia, surgia nesse momento uma forte demanda relacionada à busca por novos conceitos em moradia. O isolamento social fez despertar nas pessoas a necessidade de um convívio mais estreito dentro de casa, tendo o conforto como um fator principal. Como resultado, muitas delas decidiram que era chegada a hora de mudar. Nesse ponto, a tecnologia digital foi uma importante ferramenta nas negociações para a compra de imóveis, proporcionando a sua efetivação a distância.

O Condomínio Highline Square, localizado em um dos bairros mais nobres de Vitória, a Enseada do Suá, é um bom exemplo dessa tendência pela busca de conforto e inovação. Inaugurado em outubro de 2020 com uma proposta bem direcionada, “Mais que um lugar para morar, uma experiência de vida”, o HS inaugurava uma nova forma de morar bem, inspirada no “way of life” (modo de vida) americano, com todas as facilidades e próximo ao comércio, empresas de serviço e lazer.

Construído pela San Juan Empreendimentos, o novo edifício, com 139 unidades de 110,50m² cada uma, seguiu todos os padrões de segurança na sua construção, tais como conforto térmico e acústico, incluídos na Norma Técnica de Desempenho para a Construção (NBR 15.575). Nas dependências do condomínio, uma área de lazer com 15 itens – sauna integrada à piscina aquecida, academia, piscina indoor, piscina com raia de 25m e espaço gourmet estavam entre as facilidades. Aliado a isso, a oferta de uma série de conveniências de última geração (espaço limpa patas, bike sharing, espaço de compartilhamento e entregas e automação).

A despeito do sucesso do mercado imobiliário, o aumento dos preços do material de construção, em especial do cimento e do aço, poderia colocar esse crescimento em risco, com o considerável acréscimo nos custos desses novos imóveis. A falta dessas duas matérias primas, além do cobre, trouxe impactos negativos para o setor no primeiro trimestre de 2021. Com isso, o Índice Nacional da Construção Civil apresentou um aumento percentual de 3,5% (maio de 2020) para 12%, impactando toda a cadeia produtiva da construção.

A solução adotada pelas 137 empresas de oito estados brasileiros foi importar 20 mil toneladas de aço da Turquia, através de uma cooperativa de construtoras. O produto cumpria todas as normas brasileiras e apresentava um custo 20% mais baixo do que o aço do mercado nacional. A medida seria uma forma de provocar “um choque de oferta” no setor, a partir da importação de insumos, conforme destacou o então presidente da CBIC, José Carlos Martins. Ele ressaltaria ainda a importância da iniciativa como forma de impulsionar a redução dos preços e permitir a continuidade da demanda na construção.

A despeito dos problemas com a matéria-prima, o setor da construção civil permaneceu na sua trajetória com um crescimento de 2,7% no segundo trimestre de 2021, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Isso significava dizer que havia uma retomada consistente do mercado que, desde o segundo trimestre de 2020, estava apresentando números positivos. Porém, isso não atenuava a preocupação dos empresários com o aumento dos custos da construção há mais de um ano.

Uma série de iniciativas apresentadas pelo Projeto “Construa Brasil”, lançado em abril de 2022, buscava melhorar o ambiente de negócios e criar metas relacionadas aos Códigos de Obras e Edificações. O objetivo era retirar as barreiras que impediam o crescimento do setor da construção e incentivar a modernização das empresas, através da adoção da construção industrializada. Com isso, acreditava-se na redução dos prazos de execução das obras e no aumento substancial da eficiência dos processos.

A construção industrializada foi um dos temas contemplados pelo “Construa Brasil”, além de outras metas que viriam a reboque. Era o caso da melhoria do processo de concessão do alvará



para a construção, adoção do Building Information Modeling (BIM) e a convergência dos Códigos de Obras e Edificações. Para isso, seria necessário um diagnóstico preciso e planejamento estratégico destinado à implantação de cada uma dessas metas.

Ao contrário do que se pensava, a pandemia aqueceu o mercado imobiliário, que passou por um período de forte expansão até o ano de 2023. Nesse ano, foram lançados vários empreendimentos de médio e alto padrão. O Sinduscon-ES conduziu uma pesquisa, denominada “Previsão de Lançamentos Imobiliários – Região Metropolitana de Vitória 2023”. Em todas as 20 grandes empresas do Espírito Santo listadas, ficou clara a decisão de investir em novos empreendimentos. Os lançamentos incluíam 282 lojas, 50 salas comerciais e, aproximadamente, 6 mil unidades residenciais.

Além de Vitória, Vila Velha e Serra, bairros como Praia do Canto, Santa Lúcia, Barro Vermelho, Enseada do Suá e Bento Ferreira, também seriam contemplados pelas novas construções. A pesquisa apontou ainda que 90% das empresas pretendiam lançar mais imóveis do que em 2022, considerado o maior percentual histórico até aquele momento. O resultado positivo demonstrava o grau de confiança do empresário capixaba no mercado da construção civil, e isso impactou em outros segmentos.

A expansão imobiliária e o crescimento populacional exigiram a realização de obras destinadas a melhorar a mobilidade na Região Metropolitana da Grande Vitória. No Censo 2022 do IBGE, o número de habitantes da RMGV saltou nos últimos 12 meses de 1.687.704 para 1.880.843. Esse crescimento populacional exigiu novas soluções para reduzir os gargalos no tráfego da região. Algumas dessas obras foram entregues em 2023.

É o caso da ampliação da Terceira Ponte e inauguração da Ciclovia da Vida; viaduto de Carapina; Rotatória do Ó; Contorno do Mestre Álvaro e ES-388 (importante rodovia em Vila Velha). Nesse ano, já estava sendo estudada a construção da Quarta Ponte. Com 36 metros de largura, duas faixas em cada um dos sentidos e outras duas faixas centrais, essa seria uma nova ligação entre Vitória e Cariacica, desafogando o trânsito intenso na Grande Vitória.



Ciclovia da vida Viaduto de Carapina

Em Cariacica, foram finalizados e entregues à população dois importantes projetos inaugurados ainda em 2023: o Viaduto de Carapina e a Nova Orla de Porto de Santana, ambos na mesma região. Inaugurado em julho do referido ano, o novo Viaduto de Carapina trouxe uma importante melhoria no trânsito na Serra, localizado na Grande Vitória. A nova estrutura, que envolveu um investimento de R\$ 76,5 milhões, foi considerada uma obra de mobilidade importante na Região Metropolitana de Vitória.

A inauguração da Nova Orla de Porto de Santana, localizada às margens do Rio Santa Maria, marcou o início das comemorações de fim de ano na Grande Vitória, que contou com intensa queima de fogos. Ao longo dos 12 km de extensão, foi erguido um complexo dedicado à saúde e ao lazer do capixaba, composto por três restaurantes com vista panorâmica, banheiros públicos, estacionamento, pista de skate e espaço com equipamentos para atividade física e paisagismo. Fomentar o lazer e o turismo na cidade de Cariacica estava entre os objetivos da iniciativa.

O ano de 2023 encerrou com um diagnóstico positivo do Programa “Minha Casa Minha Vida”. Foram realizados 550 mil financiamentos somente nesse ano. O número superou a meta inicial, que era de 375 mil. Os principais responsáveis pelo sucesso do

programa foram a iniciativa privada, representantes das entidades estaduais e as inúmeras parcerias firmadas que contribuíram para o progresso do MCMV. Para o ministro das Cidades, Jader Filho, o resultado surpreendente foi fruto do trabalho de esforço conjunto e muito diálogo.

Em 2023, um ciclo de 89 anos de atuação do Sindicato se encerrava com o saldo de inúmeros passos dados à frente, sempre com a missão de contribuir decisivamente para a evolução do setor da construção. No final desse ano, o Sinduscon-ES se preparava para as comemorações dos seus 90 anos de um trabalho significativo na consolidação dos pilares da entidade no Estado do Espírito Santo.

Nessa jornada, tanto fortaleceu o empresariado, quanto tem contribuído decisivamente para o progresso da região, reforçando os laços, não só com a iniciativa privada, mas, em especial, com o âmbito público. Para o futuro, vão surgir novos desafios a serem superados, mas sempre com uma atuação vibrante.

Até 2023, o Sindicato contou com a dedicação de 18 presidentes, sendo o último e atual Douglas Luiz Vaz da Silva. Cada um, à sua maneira, se destacou pelo empenho e dedicação em manter a entidade sempre na vanguarda, não deixando no passado o pioneirismo e a determinação que impulsionou os 11 empresários da construção nos idos anos de 1934.



Projeto 3D da ampliação da Terceira Ponte

PARTE III

O PODER RENOVADOR DA ENGENHARIA (2001 – 2024)



NADA SERÁ COMO ANTES
O NOVO SE ESTABELECE E
TRANSFORMA A INDÚSTRIA

(2024)

Criado com “fins de pesquisa, informação, coordenação, proteção e representação legal da categoria econômica da indústria da construção civil no âmbito do Estado do Espírito Santo”, o Sinduscon-ES chegou ao ano de 2024 ciente da sua trajetória. Desde a sua fundação em outubro de 1934, exerceu um destacado protagonismo no fortalecimento da construção civil do Espírito Santo de um modo que sua história se mistura com a do próprio desenvolvimento econômico e social do Estado.

Nesse misto de satisfação e orgulho pela estrada percorrida, a presidência do engenheiro civil Douglas Luiz Vaz da Silva, eleita para o triênio 2022-2025, e toda a sua diretoria tinham como objetivo marcar esse momento dos festejos comemorativos pelos 90 anos de trajetória com a realização de várias atividades sociais e esportivas. Uma delas foi a “ConstruRunner – correr é construir bem-estar”, composta por corridas de 5K e 10K, além de caminhada e evento Kids. A largada ficou programada para ser na Praia de Camburi, em Vitória, no dia 17 de novembro, às 7h.

Além do livro que o caro leitor tem em suas mãos, escrito com a missão de consolidar cada vez mais as histórias passadas com um olhar importante para o futuro, os 90 anos foram marcados ainda por outras iniciativas. Uma delas referia-se à programação de uma grande festa comemorativa, uma feira (Feira ES Construção Brasil) e a entrega de um prêmio.



O “Prêmio Construir – Reconhecimento Empresarial e Profissional do Espírito Santo” foi criado com o objetivo de reconhecer pessoas e instituições de destaque no setor. As categorias são as mais variadas, tendo uma dedicada aos colaboradores, gestores, líderes, empresas de construção civil e seus fornecedores, além de instituições públicas e privadas atuantes no setor. Na realidade, essa postura de reverenciar o setor da construção é uma via de mão dupla, pois o Sindicato também goza de uma profunda admiração vinda dos seus pares.

Do chamado “outro lado do balcão”, existem empreendedores como Sebastião Almeida, da Morar Construtora, e tantos outros empresários, que destacam o papel importante do Sindicato em vários eixos do setor, assim como a atuação dos seus presidentes. As pesquisas de mercado minuciosas são consideradas uma importante ferramenta que permite auferir como está o mercado imobiliário capixaba. Isso sem falar na atenção às mudanças e novos programas a serem adotados pelo setor, como o PBPQ-H, entre tantos outros. O Seconci-ES também vem sendo considerado de grande importância, como uma forma de garantir a saúde e o bem-estar dos trabalhadores da construção.

A destacada atuação do Sinduscon-ES no Estado do Espírito Santo encontrou “voz” entre todos os segmentos da sociedade capixaba. A citar, a profícua parceria entre o CREA-ES e Sindicato, por exemplo. Foram ações que contribuíram, ao longo dos anos, com a significativa evolução da indústria da construção. Essa importante participação foi destacada pelo presidente do CREA-ES, Jorge Silva, pois, desde a sua fundação, o Sindicato vem cumprindo a missão de contribuir para o crescimento e o desenvolvimento sustentável, não somente do Estado do Espírito Santo, mas de todo o país.

Uma dessas iniciativas importantes foi o Programa de Educação Continuada realizado em conjunto com o Conselho Regional, que proporcionou a oferta de seminários, simpósios, workshops, cursos e palestras destinadas à atualização e o aperfeiçoamento técnico da mão-de-obra empregada no setor. Além disso, a evolução tecnológica e a globalização da economia também representaram um forte estímulo na busca pela crescente valorização dos profissionais e dos empreendedores da indústria da construção.

Entre as instituições parceiras do Sinduscon-ES, a UCL Faculdade do Centro Leste é uma delas. Inicialmente com três cursos na área da engenharia, essa instituição de ensino foi fundada em janeiro do ano 2000, totalmente voltada para o segmento de tecnologia e negócios. Desde o início, a missão principal da UCL foi contribuir com a formação de mão-de-obra especializada para as empresas localizadas em uma área essencialmente industrial (uma das mais importantes do Espírito Santo), que é o município da Serra. Nesse aspecto, a questão do custo dos cursos foi um ponto priorizado, como forma de torná-lo acessível a todos profissionais.

Considerado o primeiro curso de engenharia civil fora da Universidade Federal do Espírito Santo, a UCL chegou a ter, em um único semestre, mais de 160 empregados da Vale matriculados na instituição. Instalada na Serra, a Vale vem atuando no Espírito Santo há mais de 50 anos. São centros de ensino como esses que têm sido preponderantes no sentido de aumentar a produtividade no setor, participando em conjunto com o Sinduscon-ES dos programas desenvolvidos para as indústrias da construção, estudando novas metodologias.

O grande idealizador e fundador da Faculdade UCL foi o engenheiro Sandro Madureira Lobato. Mestre em Engenharia de Produção pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), ele tornou possível a formação educacional daqueles trabalhadores que atuavam na indústria, mas que ainda não possuíam ensino superior. Desde 2022, a instituição de ensino funciona em sistema híbrido, possibilitando ainda que todo o curso seja feito a distância no sistema EAD. No total, são mais de três mil alunos formados, trabalhando para algumas das melhores empresas da Serra, em cargos de gerência e chefia.

Imbuído do desejo de “ir mais longe”, em 2024, as operações da Faculdade UCL foram vendidas para a Sociedade Educação e Gestão de Excelência, responsável pela instituição de ensino, Universidade Vila Velha. Essa integração inédita tem como objetivo acelerar ainda mais a expansão do ensino na Serra, transformando o campus da UCL em uma verdadeira MIT (Massachusetts Institute of Technology). Com isso, serão implantados vários projetos de pesquisa e experiência no ensino e no EAD.

O apoio da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), órgão máximo do setor responsável por congregar todas as entidades, sempre desempenhou um papel primordial nas relações entre os seus pares. Das áreas que compõem a CBIC, uma em especial tem muita correlação com a pauta em questão sobre o futuro da construção civil. É a Comissão de Materiais e Tecnologia – COMAT-CBIC, presidida por Dionyzio Klavdianos, do Distrito Federal.

Entre os projetos tocados por essa comissão estão o acompanhamento e revisão de normas técnicas e o Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H), que cuida de normalização técnica e normativas para tecnologias inovadoras. No que tange à inovação, o BIM e outras ações responsáveis por estimular esse papel estão vinculadas à implantação da industrialização e a maior produtividade do setor. Essas ações estão abrigadas dentro do projeto 2030, lançando há seis anos. A ideia é traçar um cenário, a partir de uma série de ações que serão implementadas, paulatinamente. O objetivo é garantir uma nova realidade para a construção civil no ano de 2030, como melhorias no processo construtivo, maior produtividade e qualidade das obras, além de um melhor desempenho.



UMA CAMINHADA SUSTENTÁVEL

Sob a égide de uma indústria da construção revolucionária e futurista, o Espírito Santo tornou-se, nos últimos anos, sinônimo de lançamentos imobiliários apoiados nesse tripé: inovação, modernidade e sustentabilidade. A despeito dessas mudanças, o perfil permaneceu eclético, atendendo a todos os públicos: do mais econômico àquele de mais alto padrão. No entanto, o binômio tecnologia e sofisticação também chegaram juntos nesse processo de transformação do setor.

As empresas construtoras, inspiradas em uma aposta no “novo conceito de morar bem”, foram incorporando seus projetos nessa dinâmica. A Elo Urbano Construtora e Incorporadora pode ser considerada um bom exemplo desse momento. Responsável pelo lançamento da Vila Alto Douro, no início de 2024, o empreendimento localizado na Serra contou com toda a privacidade e bem-estar de quem quer viver em casa, mas cercado do aconchego de uma “vila urbana”. No condomínio residencial, composto por 35 casas construídas em uma área de 124m² a 140m², as residências têm de três a quatro quartos, além de um quintal gourmet, em cinco tipos de plantas diferenciadas.

Outro empreendimento que traduziu esse momento de criatividade do mercado imobiliário foi a Ilha Key West. Lançada pela Kemp Engenharia, na Praia de Itaparica, Vila Velha, o edifício residencial foi concebido com um diferencial. Seus 141 apartamentos de dois e três quartos com suíte em uma área que varia dos 55m² e 160m² contam com uma suíte canadense. Nesse recurso adotado, o banheiro da suíte pode ser acessado pelos dois dormitórios, sem a necessidade de utilizar o corredor, proporcionando maior conforto e privacidade para os moradores.

Esses são exemplos de o quanto o mercado imobiliário localizado na Grande Vitória vinha vivenciando uma fase de inovação e equilíbrio²⁵. Os lançamentos previstos em 2024 compreendiam um número total de 5.727 unidades. De acordo com o 42º Censo



Imobiliário do Sinduscon-ES, Vila Velha foi considerado um dos municípios mais atrativos nesse cenário de novidades em imóveis. Cerca de 42,6% dos seus empreendimentos apresentavam-se em fase de produção na região, representando 2.250 novas unidades. Vitória ficou em segundo lugar, com 1.655 unidades e, em terceiro, o município da Serra, com 1.622 unidades previstas. O levantamento do Sindicato, realizado no final de 2023, buscou ouvir empresários das 20 maiores empresas do Estado. E a pergunta principal referia-se à quantidade de unidades em produção. De todas as incorporadoras elencadas na pesquisa, 60% delas informaram que pretendiam lançar uma quantidade maior de unidades no ano de 2024. Um dado interessante é que, das 5.727 unidades a serem construídas, 1.948 estavam enquadradas no Programa “Minha Casa Minha Vida” (MCMV), do Governo Federal. As 3.779 unidades restantes foram destinadas aos segmentos de médio e alto padrão.

Vila Velha tem sido considerada eclética por reunir a versatilidade desses dois públicos, pois, ao mesmo tempo em que atende o médio e alto padrão, também tem entre os seus moradores um

25 <https://www.agazeta.com.br/hub-imobi/inovacao/6-motivos-por-que-vila-velha-esta-em-alta-no-mercado-imobiliario-0524>

público que anseia por construções mais econômicas. O atrativo maior estava também nas mais variadas ofertas de terrenos em áreas localizadas próximas às praias²⁶.

O Índice FipeZap levantado nos últimos 12 meses apontou que Vila Velha foi a cidade que obteve a maior valorização do país, ficando atrás apenas do município de São José, em Santa Catarina. Entre os fatores que a tornaram uma cidade ideal para se viver estão os atributos naturais - no caso, o seu litoral de 32 quilômetros com várias praias, além de áreas verdes preservadas, lagoas e monumentos naturais, tais como, o Morro do Moreno.

O polo econômico desenvolvido com a presença de grandes centros comerciais e industriais foi outra vantagem apontada em relação à Vila Velha. A sua infraestrutura bem consolidada vem proporcionando ainda a instalação de novas empresas, o que funciona como um forte atrativo. Além disso, o município canela-verde, como é conhecido, apresentou um crescimento imobiliário acentuado nos últimos 10 anos, com áreas disponíveis para um contínuo processo de expansão territorial. No entanto, o maior diferencial da região refere-se à agilidade com que são aprovados e licenciados os novos projetos imobiliários, angariando a confiança das indústrias da construção.

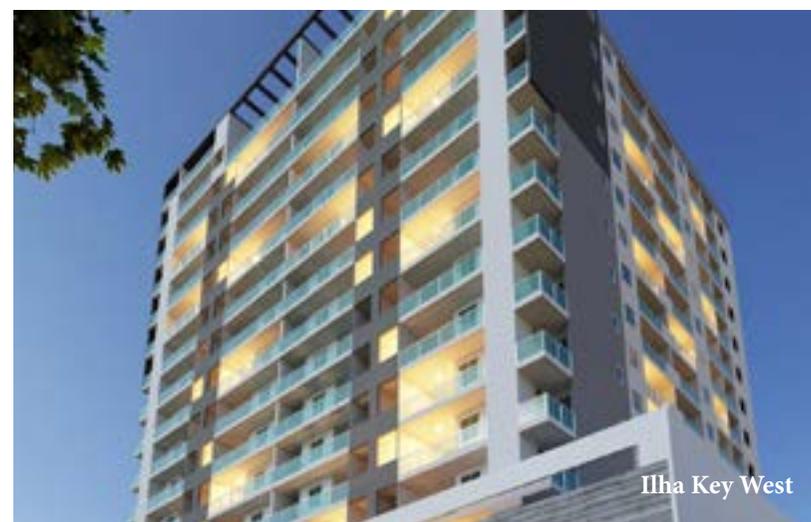
Quanto aos empreendimentos enquadrados no Médio e Alto Padrão (MAP), o 42º Censo Imobiliário do Sinduscon-ES apontou que mais da metade deles estavam sendo construídos na Grande Vitória. No total, foram enquadradas 9.408 unidades no MAP (64,87%), enquanto o segmento econômico, classificado como ECO, possuía 5.095 (35,13%). O mercado de superluxo também se manteve em alta na região, com uma clientela exigente e voltada para a busca por uma experiência completa, sobretudo quando o assunto são os novos lançamentos imobiliários²⁷.

Na capital Vitória e na orla de Vila Velha, um imóvel chegou a custar o valor de R\$ 27 mil o metro quadrado. No entanto, o mais importante de tudo isso é que existe um público disposto a comprar esses novos imóveis. No caso do Grupo Incospal, res-

ponsável pelo lançamento das 35 unidades do seu 495 Joaquim Lirio Carlos Madeira Residences localizado na Praia do Canto, as vendas foram rápidas: alcançaram um volume de vendas de 45% logo no início. Em Vitória, o percentual de venda dos imóveis chegou ao patamar de 75,7%, sendo que, entre as unidades em construção, 68,9% foram vendidas pelas próprias construtoras.

No ano de 2024, os imóveis de médio e alto padrão constituíram-se em uma fonte de garantia quando o assunto era rentabilidade. Entre os lançamentos programados nesse ano e para os próximos, o Vernissage Vitória, na Enseada do Suá, e o Taj Home Resort, em Vila Velha, refletiam esse momento. No primeiro, pertencente à Galwan Construtora, os preços dos apartamentos de até cinco suítes chegaram a R\$ 1.749.998,86. Enquanto o segundo, com duas torres com 25 e 50 andares, foi considerado o empreendimento mais alto do Espírito Santo. Os preços iniciais do imóvel partiam de R\$ 2.706.022,00.

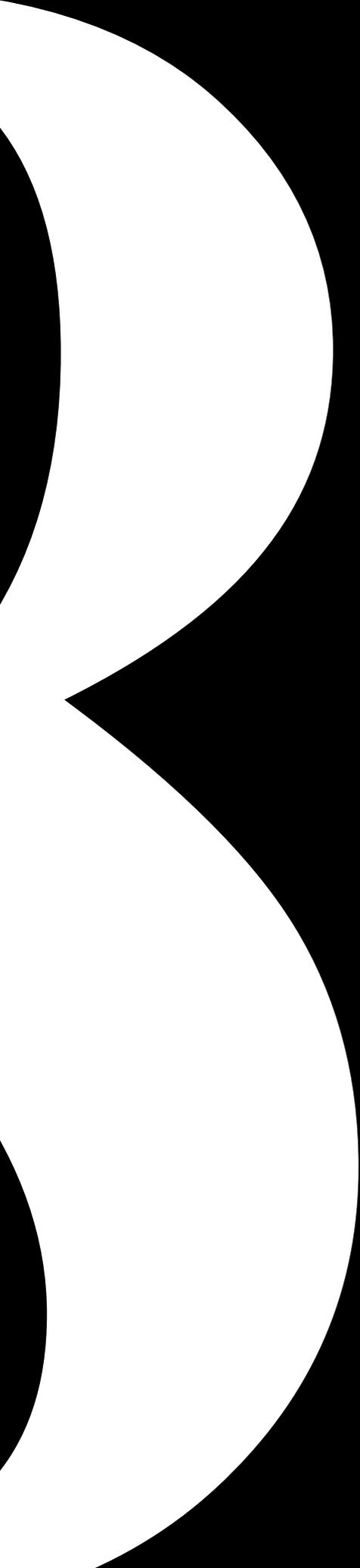
Embora o segmento de médio e alto padrão na Grande Vitória ainda apresentasse uma considerável margem de crescimento, o presidente do Sinduscon-ES, Douglas Vaz destacou, em entrevista a um veículo de comunicação local, que tinha suas ressalvas. Segundo ele, o ritmo seria mais lento, principalmente, quando o assunto eram os condomínios horizontais.



26 <https://www.agazeta.com.br/hub-imobi/inovacao/veja-as-cidades-da-grande-vitoria-que-vaao-receber-o-maior-numero-de-lancamentos-residenciais-em-2024-032>

27 <https://esbrasil.com.br/lancamentos-de-alto-padrao-se-destacam-em-vitoria-e-vila-velha/>





**UMA ANÁLISE
DOS NOVOS HORIZONTES
COMO A INDÚSTRIA
DA CONSTRUÇÃO
CAMINHA PARA O FUTURO**

(2025 – 2034)

Nos últimos anos, a indústria da construção tem buscado uma maior otimização do tempo e dos recursos empregados em suas obras com o objetivo de aumentar a produtividade e minimizar os impactos ambientais. No entanto, olhando para frente, ainda existe muito a ser feito na busca por um caminho sustentável no setor. Dados da Aliança Global para Edifícios e Construção, órgão sediado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), corroboram essa afirmativa e revelam o tamanho da pegada ambiental que ainda são deixadas.

Um levantamento divulgado em 2023 constatou que 36% do consumo global de energia, 40% da produção de resíduos e 40% das emissões de dióxido de carbono em todo o mundo ainda vêm da indústria da construção. Pelo tamanho das questões que envolvem o setor no aspecto da sustentabilidade, essa será uma pauta a ser muito discutida nos próximos anos. O ato de repensar a cadeia de valor deverá ser um primeiro passo, mas muitas outras iniciativas vão precisar ser adotadas nesse sentido.

No aspecto da economia circular e da introdução das tecnologias digitais, essas são duas grandes tendências que, somadas a outras,

vão traçar o caminho de volta para uma indústria menos poluente e mais consciente. Tomando por base o trinômio (economia, segurança e meio ambiente), a escolha por materiais modernos representa uma meta importante nesse sentido. Tornar a indústria cada vez mais sustentável e ciente do papel que desempenha na utilização dos recursos e no ciclo de vida dos materiais utilizados nas construções é mais uma vertente nesse caminho.

Especialistas afirmam, porém, que, muito além do investimento em tecnologia e em mudanças culturais e de modelos de gestão, será preciso operar mudanças institucionais, comportamentais e do sistema socioeconômico. Somente assim é que será operada a tão necessária transição para uma economia circular e digital.

De olho no futuro, a indústria da construção precisará abandonar o tradicionalismo e as tramas que enredam esses antigos processos, e buscar soluções criativas, permeadas por muitos novos processos e inspiração. Muitas dessas mudanças já vêm despondo nesse novo horizonte e serão adotadas nos anos futuros.



Por Vitor Jubini/MTur

INOVAÇÃO E RENOVAÇÃO

No que tange aos materiais pensados para garantir mudanças significativas no processo construtivo, o drywall tem sido considerado um deles. Presente nas novas construções, ele é um bom exemplo de todo esse processo de evolução do setor. As chapas de gesso são aparafusadas a estruturas de aço, tornando-as mais leves que outros materiais e funcionando como excelentes substitutos para a alvenaria. O conforto termoacústico também é outro diferencial desse material, garantindo bem-estar aos moradores dos imóveis que utilizam esse recurso.

O uso dos vidros inteligentes tem cumprido a função de possibilitar um melhor controle da absorção de luz e calor, a partir de um simples comando. Com isso, estima-se uma redução de até 25% nos gastos com iluminação, resultando na diminuição do consumo e refletindo em economia para o seu usuário. Além disso, o controle da temperatura ambiente também diminui a necessidade de deixar o ar-condicionado ligado, o que possibilita uma redução de consumo a níveis significativos nos próximos anos.

A introdução da modelagem 3D na construção é outra tendência que permite a simulação de espaços e estruturas em tamanho real, antes mesmo de elas serem construídas. O resultado dessa testagem revela-se cada vez mais eficiente, tornando bem menores as chances de erro. Essa nova tecnologia cumpre o objetivo de promover consideráveis avanços em relação às construções do passado. A meta é reduzir o desperdício de material e, conseqüentemente, diminuir o custo da obra, tornando possível a testagem de diferentes ideias para o mesmo projeto.

Falando da reutilização do concreto, considerado um dos maiores emissores de gás carbônico (CO₂), essa técnica promete novos horizontes para a indústria da construção nos anos futuros. As técnicas de reciclagem desse insumo se constituem em uma prática sustentável que tem conquistado a adesão das empresas do setor. Entretanto, isso não significa apenas investir na redução de poluentes, mas também na garantia de um melhor custo-benefício na aquisição de materiais para a obra. Tal ação não impacta, de modo algum, na segurança e na qualidade do processo construtivo.

Ainda sobre o assunto sustentabilidade, outras mudanças têm sido adotadas nos últimos anos. Elas passam pela adoção de placas solares e pela introdução de novos mecanismos que garantam o reaproveitamento da água, impulsionado, cada vez mais, por uma mudança de mindset. Nessa “cartilha verde”, a prioridade é evitar desperdícios, reduzir o impacto ao meio ambiente e garantir que os gastos familiares com as contas de consumo sejam reduzidas drasticamente. Movimentos como esses têm o potencial de viabilizar o sonho da casa própria para muitas pessoas.

No que se refere às novas tecnologias que vêm surgindo como forma de economizar a utilização de recursos do meio ambiente, a concepção das chamadas “casas inteligentes” têm despontado cada vez mais nesse cenário. A interconexão digital garante que os imóveis construídos sejam estrategicamente ligados a essa prática, não somente gerando valor e empatia, como também demonstrando uma preocupação genuína com os aspectos ambientais. Com isso, ocorrências como o simples ato de esquecer o ar-condicionado ligado, desperdiçando energia e sobrecarregando o equipamento, não será mais um problema. O equipamento poderá ser desligado de onde a pessoa estiver.

Todos esses processos de racionalização têm trazido melhorias aos métodos existentes nos canteiros de obra. Agora, a próxima etapa a ser percorrida, de acordo com o engenheiro civil João Luiz Calmon²⁸, envolve a pré-fabricação. Algo ainda não tão difundido no país. Nessa fase, todas as estruturas chegam ao canteiro já montadas e são instaladas com guindastes, envolvendo pouca mão de obra. No conhecido sistema de construção a seco, a vantagem está na redução do desperdício de água, sem falar na potencialidade do material em ser reciclado várias vezes.

No aspecto do sistema construtivo, uma tendência que vem sendo adotada, principalmente nos Estados Unidos, chama-se Light Steel Frame (LSF). Com ele, as tradicionais construções de concreto, blocos e tijolos serão substituídas por perfis de aço galvanizado. E existe ainda o Wood Frame, que também é muito comum na construção americana, revelando-se igualmente eficaz. Tudo isso está sendo impulsionado pelas questões que permeiam

²⁸ Na década de 90, João Luiz Calmon participou de um projeto, que envolveu o Sinduscon-ES, para estudar o nível de desperdício nos canteiros de obras. Como professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), também desenvolveu seminários sobre assuntos pertinentes à indústria da construção.

a sustentabilidade, na busca pela preservação do meio ambiente com a adoção de várias ações, entre elas, a redução da emissão de carbono.

Com relação à industrialização, existe uma forte convicção de que o caminho de fato para chegar a esse patamar está intrinsecamente relacionado à crescente possibilidade de investir em ações inovadoras. Várias linhas de pensamento caminham nesse sentido, como o da arquiteta Liliam Araújo. Ela acredita que a indústria da construção civil ainda tem uma longa trajetória a ser percorrida. No entanto, para preencher essas lacunas, o meio acadêmico e o empresarial precisam caminhar juntos, entendendo a atual realidade e acreditando na necessária mudança para acompanhar a evolução tecnológica.

Atuante na pasta da Comissão de Materiais e Tecnologias (COMAT) do Sinduscon-ES, Liliam também integrou a Comissão de Meio Ambiente da entidade. Nessa pasta, a arquiteta foi premiada pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) por sua autoria em um trabalho sobre sustentabilidade. No ano de 2013, sua estreita atuação com essa área rendeu-lhe um convite para capacitar o corpo técnico das empresas no atendimento aos novos padrões da construção civil presentes na Normas de Desempenho NBR 15575.

O maior desafio da indústria da construção para os próximos anos será o de tornar a sustentabilidade um assunto pertinente em todos os setores da sociedade. Não somente entre os empresários que constroem um edifício sustentável, como também entre os cidadãos para que eles estejam sensíveis à valorização de uma construção que atenda a essas características. Para isso, será preciso conscientizá-los de que um prédio com tratamento térmico, por exemplo, representa economia de consumo de energia no médio e longo prazo, justificando, dessa forma, o valor investido.

Entretanto, nesse cenário existem ainda alguns obstáculos a serem transpostos, a questão da mão de obras é um deles. Nos últimos anos, a média de idade daqueles que trabalham nos canteiros de obras tem oscilado entre os 35 e 42 anos. De acordo com Roberto de Souza, diretor do CTE, essa situação denota que a

construção brasileira está caminhando para um apagão de mão de obra. E a solução será a adoção da industrialização, como uma forma de atenuar essa carência de recurso humano.

Isso equivale a dizer que, no futuro, não haverá mais operários que queiram trabalhar nos canteiros de obras. Os motivos dessa recusa podem ser explicados com os seguintes argumentos: é um trabalho pesado e ergonomicamente difícil, bem como não oferece salários tão atrativos. De acordo com Roberto, a realidade é que o jovem da atualidade prefere trabalhar como motorista de aplicativo ou entregador a pegar no pesado em uma obra. Essa é uma mudança que, se não for pontualmente resolvida, poderá afetar o setor de modo considerável.

No processo de avaliar o presente para perscrutar o futuro, outra constatação é a de que a produtividade na construção continua a mesma, desde os últimos 20 anos, o que denota não ser um bom sinal. Entretanto, a questão é que não é mais possível seguir com o tipo de construção artesanal dos primórdios, quando havia desperdício de tempo e de material. Os recursos empregados no ato de construir estão cada vez mais enxutos, como forma de garantir margens mais atraentes para o empresário, mas sem deixar de oferecer um preço final que torne o imóvel vendável.

A tendência atual é que a estrutura do imóvel seja toda realizada off-site, ou seja, fora do canteiro de obras, preferencialmente em uma fábrica, onde as partes são fabricadas de forma modular. Depois disso, essas partes são transportadas para o local da obra onde serão montadas de acordo com as informações do projeto e, posteriormente, finalizadas. Esse método tem resultado na economia de recursos, otimização do tempo e um ganho considerável, contribuindo para que essas etapas sejam totalmente sustentáveis.

Roberto de Souza, um estudioso no assunto, defende a ideia de que “a obra vai passar a ser uma indústria de montagem, assim como a indústria automobilística, mas sem a questão da robótica presente nessa última”. O que vai acontecer é que haverá mudança de foco, culminando no fortalecimento da industrialização no setor. Ela ocorrerá em partes, com a pré-fabricação de fachadas, escadas, sacadas, banheiros, parte hidráulica e até kits elétricos.

Como resultado, a mão de obra que atuava nos canteiros será deslocada para as fábricas, recebendo uma remuneração melhor e podendo trabalhar em um ambiente mais salutar, principalmente no que se refere aos fatores ergonômicos necessários à garantia da qualidade de vida do trabalhador. Embora outros operários continuem trabalhando no canteiro de obras, atuando na montagem dessas estruturas, o quantitativo será bem menor. Nos próximos anos, as mudanças tecnológicas vão melhorar sobremaneira o trabalho nesses locais, também.

Embora esse processo construtivo não seja ainda tão usual no Brasil, em outros países ele já é uma realidade, sendo adotado por várias empresas do setor. Além de não apresentar nenhuma diferença entre um imóvel montado off-site em relação ao que é construído do zero dentro de um canteiro, essa tecnologia oferece uma série de vantagens; não somente em relação aos custos e à qualidade, como também no que se refere à logística e à segurança que o método proporciona.

O tempo de entrega é seis vezes mais rápido, enquanto a possibilidade de remontar o imóvel em outro local com novo layout, funciona como outro atrativo. Além disso, a industrialização permite que a produção seja escalável, já que a fabricação das peças é totalmente automatizada. Outra vantagem refere-se à rapidez no processo, não requerendo qualquer tipo de obra e sem produzir nenhuma sujeira, contando ainda com equipes enxutas. Com esse método, uma casa, por exemplo, pode ser entregue em apenas quatro dias, enquanto um hospital pode ser construído dentro de 40 dias.

O principal é que esse tipo de construção não oferece nenhum impacto ao meio ambiente e, como não envolve desperdício e não elimina resíduos na natureza, é considerado altamente sustentável. A vantagem principal é que não existe erro no orçamento porque se sabe exatamente quanto será gasto de insumos, mão-de-obra e transporte. A tecnologia off-site contribui ainda com a redução no pós-obra, algo que vem sendo considerado o “calcanhar de Aquiles” de muitos construtores.

Além do processo de industrialização e a adoção de um pensamento sustentável, a indústria da construção também será im-

pactada pela transformação digital, outro pilar importante nas mudanças futuras. A Inteligência Artificial vai ser um recurso que operacionalizará toda a cadeia produtiva dessa indústria. A partir de uma visão macro da obra, será possível prever gargalos, executar ações corretivas e consolidar relatórios com indicadores-chave de sucesso (KPIs).

Muitas dessas ferramentas ainda estão em desenvolvimento, mas vão promover uma revolução definitiva no setor. Com o apoio da IA será possível ter um canteiro de obras mais seguro, com o monitoramento das atividades dos colaboradores ocorrendo em tempo real e possibilitando a identificação de possíveis não-conformidades. Com isso, o descumprimento de requisitos relacionados às normas de segurança e do uso dos EPis, por exemplo, serão totalmente passível de uma correção em tempo real.

A automação a distância também tem demonstrado ser outro recurso que vai solucionar riscos de operação de máquinas nos canteiros e daqueles equipamentos que estão alocados em áreas insalubres. O controle estreito de todo esse processo impede que ocorram possíveis acidentes na obra e possibilita a mitigação pontual, uma característica que também se reflete em ganho de eficiência.

Para completar, com a Big Data e a análise de dados, todas essas soluções serão potencializadas e ressignificadas, sobretudo no que se refere à aglutinação de dados importantes obtidos através da Inteligência Artificial. O uso de drones, sensores de segurança e tecnologia BIM (Building Information Modeling) complementam a busca por tornar a informação cada vez mais clara e acessível a todos os envolvidos nas obras. Nesse eixo estruturante, o BIM já é uma realidade no dia a dia de várias construtoras, proporcionando uma eficiente interface entre todas as disciplinas envolvidas no projeto.

Importante destacar que esse é só o começo, pois, nesse caminho não existem limites para a criação de vários softwares que vão dinamizar a indústria da construção, tornando-a cada vez mais tecnológica e mais eficiente. Isso é o que defendem estudiosos como o engenheiro Fábio Almeida Cór, que acredita na eficiência de projetos realizados, tendo por base a plataforma BIM; assim



como projetos que vão permitir saber em tempo real o consumo de água e energia elétrica, promovendo o consumo consciente e tornando as construções cada vez mais sustentáveis. Em sua linha de estudo, Fábio defende as chamadas “construções enxutas”, baseadas no método Lean, como será destacado mais a frente neste capítulo.

No que se refere ainda ao conceito inovação, uma que já é realidade é o chatbot, um painel gerencial que permite a centralização do atendimento em um time de venda virtual. Entretanto, devem-se adicionar ainda várias outras engenhosidades, como o Metaverso, na venda de imóveis. A tecnologia tem sido utilizada para apresentar ao cliente como ficará uma unidade residencial do edifício ainda em construção, a partir do uso de óculos 3D.

Entre as tecnologias já utilizadas, o blockchain é uma importante ferramenta para agregar valor às operações empresariais, possibilitando a propagação de informações na rede de uma empresa. Essa tecnologia de registro é considerada confiável e de difícil violação. Além da segurança, sua utilização permite transparência, descentralização e uma ampla aplicação, permitindo que qualquer documento ou bem possa ser rastreado e referenciado através de um código. Ou seja, o blockchain é uma tecnologia de

registro imutável de transações e propriedades em tempo real e que permite identificar quem é o proprietário e do quê.

Assim como novas tecnologias estão sendo criadas, outras já existentes têm sido utilizadas para impulsionar a indústria da construção. É o caso da filosofia Lean (enxuto) ou Lean Thinking (versão mais completa), que é um sistema de gestão que tem por objetivo envolver todas as pessoas dentro da empresa em busca de um processo de melhoria contínua. Criado no Japão pelo engenheiro e chefe da Toyota, Taiichi Ohno, no período pós-Segunda Guerra, o método Lean proporcionou aumento da produtividade, diminuição de desperdício e aumento de qualidade, além de promover o desenvolvimento contínuo de um produto ou serviço²⁹.

Esse movimento que busca a satisfação do cliente vem ao encontro das práticas sustentáveis, partindo do princípio de quanto é necessário minimizar os desperdícios. Na engenharia, a metodologia “Lean Construction” está apoiada no ideal de planejamento e controle como forma de otimizar o processo de construção, reduzir custos e desperdícios e manter a qualidade e os prazos de execução.

29 <https://www.linkedin.com/pulse/lean-o-que-%C3%A9-quando-surgiu-e-como-pode-impactar-sua-zucatelli/>





SINDUSCON-ES
RUMO AOS 100
AS MUDANÇAS E
TRANSFORMAÇÕES
QUE ESTÃO POR VIR

(2034 EM DIANTE)

De uma base econômica essencialmente agrícola a um estado industrializado, o Espírito Santo foi crescendo gradativamente, e os capixabas puderam presenciar o desenvolvimento das cidades nesses últimos 200 anos. Etapas essas bem-marcadas ao longo das páginas deste livro. A introdução de inúmeras plantas industriais, como o da Vale do Rio Doce (hoje Vale), AcelorMittal e Samarco, entre tantas outras, evoluiu o estado, gerando riqueza e despertando a necessidade premente de promover melhorias na infraestrutura das cidades para atender àqueles que migravam do campo.

De olho no futuro, novos desafios estão surgindo no sentido de aprimorar cada vez mais os serviços ofertados e a infraestrutura das cidades, proporcionando, dessa forma, maior qualidade de vida para aqueles que nelas habitam. O Programa “Cidades

Inteligentes do Espírito Santo”, desenvolvido pelo Bandes e pelo Instituto de Planejamento e Gestão de Cidades (IPGC), já é uma realidade no estado e tem sido considerado uma referência nacional em desenvolvimento urbano sustentável e inovação em gestão pública.

Nas chamadas “smart cities” ou “cidades inteligentes”, o objetivo será o de tornar as cidades cada vez mais atraentes à instalação de novos parques industriais e a necessidade de investir em projetos de infraestrutura voltados para áreas cruciais no desenvolvimento urbano, como é o caso do saneamento básico, por exemplo. Esse programa contempla ainda ações estratégicas, como a revisão de planos diretores, incremento das políticas públicas e o incentivo ao turismo local.



UMA CIDADE CAPIXABA DIFERENTE

Caminhando nesse sentido, um total de 24 municípios do Espírito Santo já aderiram ao programa, representando um percentual de 30%. Entre esses municípios estão Cariacica, Colatina e Vargem Alta, que já são consideradas “smart cities”. Terceiro maior município com um expressivo quantitativo populacional no estado, Cariacica tem experimentado mudanças que vão promover melhorias significativas no seu ordenamento. A modernização de mais de 39 mil pontos de iluminação pública e a instalação de 184 quilômetros de fibra ótica para a conexão de 206 prédios públicos introduziram o município nesse novo patamar. Também compõem o programa a oferta de wi-fi público, videomonitoramento e a introdução de energia fotovoltaica. Todas essas ações visam proporcionar uma economia de 80% para os cofres públicos.

Basicamente, o momento é de estruturação e modernização das cidades para que elas possam ser consideradas “smart cities”. Ao investir na eficácia dos serviços públicos e na geração de energia limpa, automaticamente, esse movimento contribuirá para o bem-estar da população e a preservação do meio ambiente. São premissas como essas, de unir sustentabilidade e desenvolvimento inovador, que têm elevado o Espírito Santo a posições mais significativas, tornando-o mais inteligente e conectado.

A busca pelo desenvolvimento imobiliário sustentável tem sido um dos objetivos do Espírito Santo, meta essa que vem sendo acompanhada pelo Sinduscon-ES, nos últimos anos. Com a criação da pasta de legislação urbana na gestão de Aristóteles Passos Costa Neto (2013 – 2016), essa relação ficou ainda mais estreita. O arquiteto e urbanista Sandro Pretti foi o seu primeiro e único diretor até o momento, com um olhar atento às mudanças operadas no setor. Ele acompanha um movimento de expansão imobiliária mais sustentado, que tem como preocupação lançar um empreendimento próximo a núcleos comerciais, evitando o deslocamento de carro e aumentando a qualidade de vida dos moradores.

Inicialmente, não havia essa preocupação com a expansão imobiliária equilibrada. No entanto, as novas legislações têm contribuído para que essas mudanças sejam cada vez mais relevantes e transformadoras dentro do Plano Diretor Urbanístico (PDU) da cidade, sobretudo no que se refere aos bairros. São pequenos detalhes, mas que trazem uma melhoria considerável, como a adoção obrigatória de um sistema de captação das águas da chuva nos prédios, destinado a impedir os grandes alagamentos, através do armazenamento de água.

O incremento do comércio local e a construção de mais escolas são pensados também no aspecto de concentrar pessoas nesses núcleos próximos às suas casas. No Centro de Vitória, por exemplo, foi criada uma lei que reduz o valor do IPTU para aquelas empresas instaladas na região ou aquelas que investem na restauração de prédios no local. Tudo isso está muito relacionado aos assuntos tratados na pasta do Sinduscon-ES, que pôde acompanhar de perto a criação das leis e ter uma participação mais direcionada no que se refere a essa nova legislação.

Todo esse protagonismo do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Espírito Santo tem tornado possível que ele caminhe em direção ao desenvolvimento, mas contando com o olhar atento das lideranças do setor da construção. Em junho de 2023, após um acordo com a Prefeitura de Vila Velha e o Ministério Público, com a intermediação do Sinduscon-ES, essa ação tornou possível a alteração do Plano Diretor Municipal.

Com isso, foi viabilizada a construção de estúdios de quarto e sala com até 40m² de área para suprir a falta de hotel na cidade. A única exigência é que apenas 50% dos apartamentos desses prédios terão garagem. A medida permitirá que o turismo no município passe por um incremento no número de visitantes, que terão a possibilidade de alugar esses imóveis em sistema de airbnb.



É certo que todas essas mudanças dependem de um Sinduscon-ES cada vez mais forte e ciente do seu importante papel a ser desempenhado no futuro. No entanto, é preciso que todos os setores da economia estejam unidos para reduzir a emissão de carbono e apagar essa “pegada ambiental”. Especialistas como Guilherme Barbosa, criador do hub de sustentabilidade chamado ECO 55, acredita nisso. Ele enfatiza que os próximos 10 anos da indústria da construção estão diretamente relacionados à transição energética, com a redução da emissão de carbono. Além disso, nessa nova dinâmica, a “ideia é inovar, fazendo o mesmo, porém, com menos recurso e menos impacto ambiental”.

Isso envolve ainda a criação de uma cadeia de valor, que envolve novas formas de mitigar essa matriz industrial muito suja, baseada em aço, cimento e carvão. Além disso, quando há uma mudança no uso de solo, a partir da terraplenagem, essa emis-

são de carbono ocorre naturalmente e isso impacta diretamente a atividade das loteadoras. Tudo isso precisará ser modificado com alterações na legislação e, principalmente, com campanhas de conscientização sobre a realidade atual e sobre o que pode ser feito para o futuro.

O grande questionamento é o seguinte: como operar essas mudanças de modo ordenado? Ou seja, ainda existe um caminho a ser percorrido, mas o tempo urge e as mudanças precisam ser adotadas o quanto antes, com a educação ambiental de toda a indústria da construção. O Sinduscon-ES está ciente desse desafio e pronto para assumir, contribuindo, cada vez mais, com a promoção do desenvolvimento sustentável e introduzindo a construção na realidade da indústria 5.0, em que prevalece o ambiental, social e a governança, pilares esse do ESG (environmental, social e governance).

AGRADEC

AGRADECIMENTO

Gostaríamos de agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram na produção de mais esta empreitada editorial, tornando possível a perenização das histórias do Sinduscon-ES, no auge dos seus 90 anos.

COMITÊ EDITORIAL

Ana Cláudia Gomes Martins
Douglas Vaz
Jessé Marques
Kikina Sessa
Nemézio Andrade

COMITÊ EXECUTIVO

Ana Cláudia Gomes Martins
Larissa Scherer
Mariana Pontes
Verônica Martins de Oliveira

CIMENTO

ENTREVISTADOS

Aristóteles Costa Neto
Cezar Augusto Villar de Mello
Delva Gomes Almeida
Dionyzio Klaudianos
Fabio Có
Guilherme Barbosa
João Luiz Calmon
João Luiz de Menezes Tovar
Jorge Silva
José Eduardo Kossatz de Berredo
Leandro Lorezon
Liliam Araújo
Luiz Carlos Menezes
Osmir da Rocha Pimentel
Paulo Henrique Galis Pereira Baraona
Pollyana Rosa
Renato Correia
Ricardo Abrahão
Roberto de Souza
Sandro Lobato
Sandro Pretti
Sebastião Almeida



DIRETORIA

(2022 - 2025)

Presidente

Douglas Luiz Vaz da Silva

Diretor

Eduardo Schwartz Borges

Diretor

Patrick Klein Canal

Vice-presidente

Leandro Rangel Lorenzon

Diretor

Fernando Felz Ferreira

Diretora

Rubia Karla dos Reis Zanelato

Adm. Financeiro

Rodrigo Scardua Gimenes

Diretor

Gustavo Feitosa Sperandio

Diretor

Sandro de Moraes Pretti

Diretora

Amanda do Prado Barros de Martin

Diretor

Joacyr Guimarães Meriguetti

Diretor

Tarcio Luiz Vaz da Silva

Diretor

André Barbosa Barros

Diretor

Leonardo Abreu de Almeida

Diretor

Wellington Pesca

Diretora

Apasra Sipolati Mendes

Diretora

Letícia Carvalho Martinelli

Diretora

Caroline Servino Altoé

Diretor

Luiz Claudio Mazzini Gomes

**NOSSOS
PATROCINADORES**

900A



Produtos

- Pelotas e finos de minério de ferro

Diretoria

Presidente: Rodrigo Alvarenga Vilela

Diretor de Operações: Sérgio Gonçalves Mileipe

Diretor Financeiro: Gustavo de Abreu E Souza Selayzim

Diretor de Projetos: Reuber Luiz Neves Koury

Diretora de Sustentabilidade: Rosane Gomes Santos

Diretora Jurídico e Riscos: Najla Ribeiro Nazar Lamounier

Diretor Comercial: Renato Gomes Pereira

Com 47 anos de experiência, a Samarco é uma mineradora brasileira de capital fechado, uma joint venture controlada em partes iguais por duas acionistas – BHP e Vale. Possui uma cadeia produtiva integrada em Minas Gerais e no Espírito Santo e tem como principais produtos as pelotas de minério de ferro, matéria-prima para a produção de aço pela indústria siderúrgica nos principais mercados – Américas, Ásia, Europa e Oriente Médio.

A empresa realiza a extração e o beneficiamento do minério de ferro em sua unidade operacional de Germano, em Mariana e Ouro Preto (MG). Na unidade operacional de Ubu (ES), estão as usinas de pelotização e o Terminal Marítimo Ponta Ubu. As duas unidades operacionais são interligadas por minerodutos de 400 km de extensão.

A Samarco retomou suas atividades em dezembro de 2020, de forma gradual, com a incorporação de novas tecnologias em seu processo produtivo, sem a utilização de barragem de rejeitos. Atualmente, opera com 30% de sua capacidade produtiva, o que corresponde a cerca de 9,4 milhões de toneladas de pelotas de minério de ferro por ano, e espera alcançar 60% até o final de 2024, quando sua produção anual será ampliada para cerca de 15 milhões de toneladas. A expectativa é atingir 100% da capacidade instalada até 2028.

A Samarco segue comprometida com a reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, em 2015, e pauta suas ações nos aprendizados adquiridos.



Missão: Otimizar a transformação dos recursos minerais em valor para a sociedade, de forma segura, eficiente e inovadora.

Visão: Ser reconhecida pela superação e reconstrução das nossas relações sociais, ambientais e econômicas.

Propósito: Fazer uma mineração diferente e sustentável, capaz de gerar resultados e construir valor para sociedade.

Valores: Respeito às Pessoas; Segurança; Integridade; Mobilização para resultados.



samarco.com | [@samarco.mineracao](https://twitter.com/samarco.mineracao) | 0800 033 8485



Produtos e serviços

- Construção civil em empreendimentos residenciais e comerciais.

Diretoria

Presidente: Marcos Benezath Abaurre

Desde 1971, construímos e incorporamos empreendimentos com qualidade, inovação, sustentabilidade, bem-estar, solidez e compromisso. Por trás de cada obra da Abaurre, gerenciamos projetos com responsabilidade e competência técnica. Nos últimos 11 anos, evoluímos nossa parceria com a Nazca, entregando importantes empreendimentos ao desenvolvimento local.

Missão: Construir com excelência, respeitando prazos e especificações, garantindo a satisfação dos nossos clientes e um ambiente urbano mais inovador, harmonioso e funcional.

Visão: Referência no setor de construção pela qualidade, inovação, sustentabilidade, bem-estar, solidez e compromisso com a entrega de obras e satisfação dos nossos clientes e parceiros.

Valores:

- Compromisso e excelência com a qualidade, prazos e práticas sustentáveis
- Responsabilidade, ética e transparência com clientes e parceiros
- Inovação em processos, tecnologias e competência técnica
- Tradição e legado, valorizando nossa história





Produtos e serviços

- Atendimento de pequenas obras
- Atendimento de obras especiais
- Bombeamento de concreto
- Concreto e argamassa

Diretoria

Carlos Henrique da Rocha

Sediada no Espírito Santo, a Concrevit atua em todo o território nacional há mais de três décadas. Líder absoluta no mercado capixaba, ela conta com 13 centrais localizadas no eixo Vitória-Rio, sendo fornecedora de grandes empresas, como a Petrobrás, Samarco e Vale. Considerada uma das maiores e mais modernas empresas de fornecimento de concreto da América Latina, todo o seu processo é certificado pela ABNT. Possui centrais dosadoras automatizadas, frota de caminhões betoneiras e bombas dos mais diversos modelos e capacidades prontas para atender obras dos mais diferentes portes.

Missão: Fornecer concreto de alta qualidade com eficiência, agilidade e compromisso com o meio ambiente.

Visão: Ser referência em qualidade e atendimento no mercado da construção civil, garantindo sustentabilidade.

Valores: Integridade, sustentabilidade, comprometimento, inovação e superação.



concrevit.com.br | @concrevit | 📞 (27) 98802-3029/ 📞 (27) 3395-1777



Produtos e serviços

- Cartão Alimentação e Refeição
- Benefício Premiação
- Adiantamento Salarial
- Cartão Combustível
- Cartão Presente
- Cartão Corporativo
- Cartão Natal
- ComproPay
- Maquininhas
- Arca Seguradora

Diretoria

Presidente: Netto Soares **Diretor Geral:** Wilson Richa

20 anos de atuação no mercado capixaba com excelência e inovação. Líder em cartões de benefícios no Espírito Santo e preferida de trabalhadores e empresas da Construção Civil. Parabéns Sinduscon-ES pelos 90 anos de atuação!

Missão: Proporcionar às empresas empregadoras, aos seus departamentos de recursos humanos, aos seus respectivos colaboradores e às lojas credenciadas, soluções em pagamentos e crédito, através da utilização de cartões de benefícios ou similares, atendendo às expectativas dos acionistas, colaboradores, fornecedores, sociedade e governo.

Visão: Sermos reconhecidos como uma empresa de referência no mercado de cartões de benefícios.

Valores: Amor, excelência, responsabilidade social, inovação, credibilidade e flexibilidade.



comprocard.com.br | [@meucomprocard](https://www.instagram.com/meucomprocard) | (27) 2122-0231



Produtos e serviços

- Construção e Reforma Comercial
- Construção e Reforma Residencial
- Obras Industriais e Residenciais
- Obras de Infraestrutura
- Obras de Manutenção
- Limpeza e conservação

Diretoria

Geraldo Sperandio, Gustavo Feitosa Sperandio, Larissa Feitosa Sperandio e Zilda M. Feitosa Sperandio

Fundada em 1975, em Vitória/ES, a Comér Construtora e Incorporadora é uma empresa de construção civil em obras de **edificações industriais, comerciais e residenciais**, de **saneamento, urbanização e macrodrenagem**.

Referência em qualidade no Espírito Santo, a história da empresa entrelaça-se à do desenvolvimento do Estado. Desde o início, quando ainda chamava-se Comér Construções e Comércio Ltda., desempenha projetos para instituições bancárias, companhias distribuidoras de petróleo, companhias de saneamento, indústrias, Governo do Estado do Espírito Santo, Prefeituras Municipais, companhias de telecomunicações, companhias portuárias, além de investimento em incorporações.

A Comér vem conquistando novas frentes de trabalho, aprimorando a cada dia os métodos de crescimento da empresa, fornecendo produtos e serviços com **qualidade e preço competitivo**, e promovendo o **desenvolvimento profissional** de seus colaboradores.



(27) 3227-3577 | (27) 99949-6075 | contato@comerconstrutora.com.br



Produtos e serviços

- Gás Natural:
- Para Residências
 - Para Comércio
 - Para Indústrias
 - Veicular (GNV)

Diretoria

Diretor Presidente: Fabio Antonio Bertollo | **D. de Assuntos Corporativos:** Walter Fernando Piazza Junior

D. Técnico-Comercial: Raphael Pereira dos Santos | **D. Administrativo:** Fernando Tupan Coragem

A ES Gás é a concessionária responsável pela distribuição do gás natural canalizado no Espírito Santo, regulada pela ARSP. Atua nos segmentos residencial, comercial, industrial, automotivo, climatização, cogeração e termoelétrico, atendendo mais de 82 mil clientes.

Mais de 90% dos novos empreendimentos residenciais da Grande Vitória são conectados à rede da ES Gás, utilizando o gás natural nas mais diversas aplicações: fogão, banho, piscina climatizada, churrasqueira e até geradores.

A empresa é integrante do ecossistema de soluções do Grupo Energisa, companhia centenária e pioneira no setor de energia, com capital 100% nacional.

Nosso propósito é abastecer o Espírito Santo com uma fonte energética que possibilite a cada um desse Estado atingir seus anseios, sejam eles pessoais ou empresariais.

Nosso negócio é mais do que o gás natural, é a conexão que proporcionamos entre as pessoas, as empresas e o meio ambiente. Entre o ser humano e seus sonhos.

Valores: Vida em primeiro lugar; As pessoas são a nossa maior energia; Cliente é tudo pra gente; Coragem para ousar e inovar; Compromisso com a sustentabilidade; Juntos, geramos resultados extraordinários.



esgas.com.br | [@esgasoficial](https://www.instagram.com/esgasoficial) | 0800 595 0197 ou 117



Produtos e serviços

- Construção de imóveis:
- Residenciais
 - Corporativos
 - Hoteleiros.

Diretoria

Diretor Presidente: José Luís Galvêas Loureiro

Diretor de Obras: Sancler Moura Ximenes Viana

Diretor Financeiro: Felipe Wanderley Loureiro

Fundada em 1981, a Galwan é uma construtora capixaba que se destaca por sua atuação em condomínios fechados a preço de custo. Com quase 40 anos de história, expandiu-se nacionalmente com destaque na construção de hotéis e empreendimentos residenciais e comerciais. Hoje, é uma das maiores construtoras do país, sendo referência quando o assunto é qualidade. Destaca-se por investir constantemente em desenvolvimento técnico, e na busca por promover um ambiente de trabalho acolhedor sempre respeitando o mercado imobiliário.

Missão: Entregar imóveis de qualidade bem localizados e a preço de custo, construindo relações sólidas com nossos investidores, clientes e parceiros.

Visão: Ser referência nacional em construção por administração a preço de custo.

Valores: Transparência, compromisso com o cliente e credibilidade.



@galwanoficial | (27) 3200-4004



Produtos e serviços

- Apartamentos com plantas diferenciadas
- Opções de garden, garden duplex e cobertura duplex
- Todos situados na Praia de Itaparica, região que mais cresce e valoriza
- As áreas de lazer são entregues montadas e decoradas, prontas para serem utilizadas

Diretoria

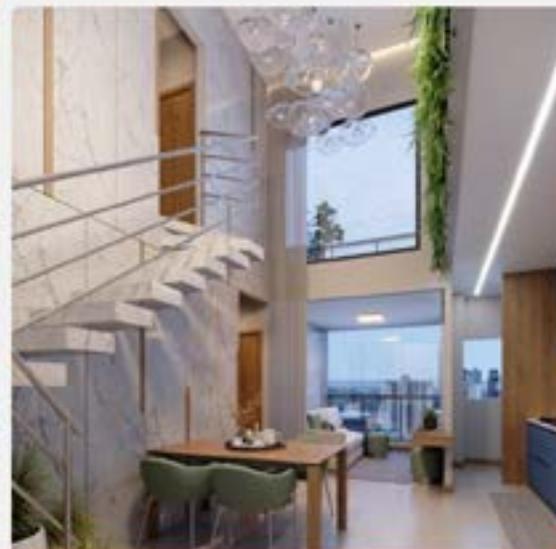
CEO and Founder: Rubia Zanelato | **Gerente Comercial:** Ellen Cordeiro

KEMP EMPREENDIMENTOS possui mais de 27 anos de excelência no setor da construção civil, destacando-se nas áreas de incorporação e construção imobiliária. Ao longo da trajetória, conta com 26 empreendimentos entre lançamentos, em obras e prontos para morar, com um histórico de 100% das entregas realizadas antes do prazo, reafirmando seu compromisso com a pontualidade e a confiança dos clientes. O rigoroso acompanhamento em todas as fases dos projetos assegura a máxima qualidade dos imóveis, refletindo o compromisso com a inovação, a segurança e o bem-estar de quem confia na KEMP para realizar seus sonhos.

Missão: Atuar competitivamente no setor da Construção Civil, construindo com agilidade, qualidade e solidez, valorizando os colaboradores, preservando o meio ambiente e assegurando a satisfação dos clientes.

Visão: Ser reconhecida como uma das empresas líderes do setor, com atuação focada em agilidade, qualidade e profissionalismo.

Valores: Qualidade, solidez, valorização dos nossos colaboradores, satisfação dos Clientes e melhoria contínua dos processos.





Diretoria

Presidente: Fernando Pedro de Oliveira

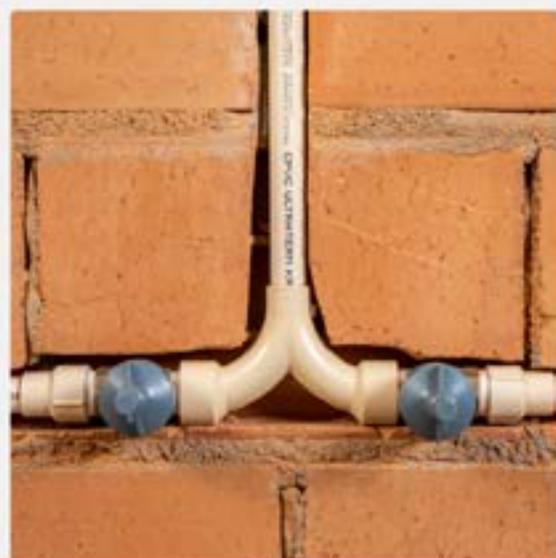
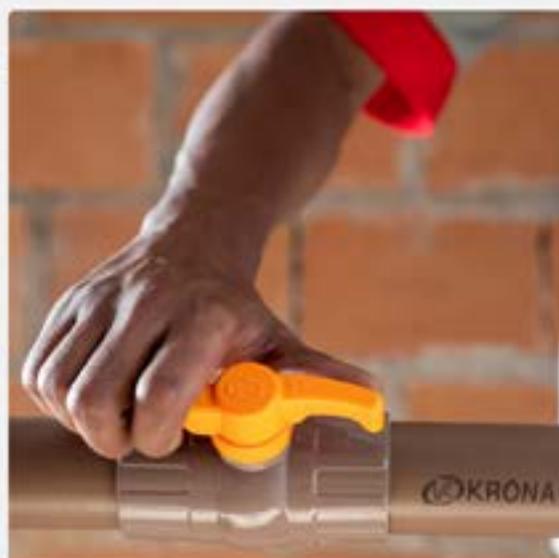
A Krona completa 30 anos em 2024 e é referência em confiança, qualidade e segurança. Os produtos Krona são fabricados de acordo com as normas técnicas da ABNT, certificados pelo Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H) e passam por um rigoroso controle de qualidade.

Além da Krona, fazem parte do Grupo Krona outras quatro grandes marcas: Viqua, Elleve, Novii e Top-Max. Juntas, essas marcas desenvolvem e fabricam tubos e conexões para instalações de água fria, água quente e esgoto, assim como acessórios hidráulicos, ralos lineares e ocultos, soluções para elétrica e irrigação, totalizando cerca de 2.500 itens no portfólio.

Missão: Assegurar competitividade para o negócio e clientes.

Visão: Ser a melhor opção no segmento.

Valores: Ética, pessoas, clientes, confiança, inovação, excelência, simplicidade e rentabilidade.



krona.com.br | [@krona_brasil](https://www.instagram.com/krona_brasil)



Produtos e serviços

- Cartões de Refeição
- Alimentação
- Flex
- Combustível
- Farmácia e outros.

Diretoria

CEO: Eryl Vieira | **Diretor Jurídico:** Andreotte Norbim Lanes

Diretor Financeiro: Gervando Thompson da Silva | **Diretor de TI:** Renzo Zerman

Diretor de Operações: Rodrigo Rocha Teixeira | **Diretor Comercial:** Victor Rodrigues Lessa **Assistente da**

Diretoria: Cassiano Orsi Hemerly

A Le Card é uma empresa 100% capixaba, com atuação em todo território nacional. É marcada pela inovação e competitividade no setor de Administração de Cartões de Benefícios. Com mais de 10 anos de atuação, tem demonstrado um crescimento consistente, sempre pautado em seus valores no compromisso de atendimento rápido, personalizado e humanizado com seus clientes (contratantes, usuários, lojistas credenciados) e colaboradores.

Missão: Simplificar a gestão de benefícios com qualidade, oferecendo soluções seguras e eficazes, de forma inovadora e tecnológica.

Visão: Ser reconhecida como uma das melhores empresas de gestão de benefícios do Brasil, comprometendo-se com os melhores resultados.

Valores: Inovação; Integridade; Satisfação dos clientes; Solidariedade e cuidado com as pessoas; Sustentabilidade.



lecard.com.br | @lecardbrasil | (27) 2233-2000



Produtos e serviços

Cimento para uso:

- Estrutural
- Geral
- Super forte

Diretoria

Ronaldo Moreira Vieira | Roberto de Oliveira

A organização Polimix, fundada em 1976, é uma empresa capixaba que atua no ramo de concretagem no Brasil, América Latina e EUA. Com foco no potencial humano e na busca contínua pelo desenvolvimento e reinvestimento, iniciou em 1998 a produção de cimento em Vitória/ES. Atualmente são 10 unidades industriais e 11 centros de distribuição em todo território nacional com capacidade instalada de 8 milhões de toneladas ano de produção de cimento, garantindo atendimento eficiente e soluções de alto desempenho para seus clientes. Com um sistema de gestão voltado para a capacitação de sua equipe, a empresa busca excelência operacional, altos padrões de qualidade e compromisso com a comunidade e meio ambiente. Utilizamos energia elétrica de fontes próprias e renováveis (eólica e solar), substituímos combustíveis fósseis (coque, gás natural) por biomassas e RSU em nossos fornos e secadores. Todos nossos produtos possuem adições otimizadas, condição que nos permite ofertar para o mercado um dos cimentos com menor emissão de CO2 do mundo.

Nossa Política de Qualidade:

- Atendimento aos requisitos estabelecidos e aplicáveis
- Satisfação dos clientes
- Melhoria da eficácia do Sistema de gestão
- Desenvolvimento de novas tecnologias
- Valorização, educação e conscientização dos integrantes
- Compromisso com a segurança e saúde ocupacional
- Proteção e preservação do meio ambiente



mizu.com.br | [@mizucimentos](https://www.instagram.com/mizucimentos) | (27) 3348-6600



Produtos e serviços

- Medicina do trabalho
- Laudos e Perícias
- Exames e Treinamentos
- Consultoria e-social.

Elaboração de

- PCMAT
- LTCAT
- PGR
- AET
- PCMSO

Diretoria

Diretor Comercial e Jurídico: Carlos Cesar dos Anjos Sad

Diretor Médico: Fernando Cesar dos Anjos Sad

Fundada em 2004 em Vitória – ES, a PROVIDER se tornou uma referência em Saúde e Segurança do Trabalho de maneira holística, com seis unidades próprias, Centro de Treinamento e Laboratório próprio. Incorporando serviços de auditoria, treinamentos, elaboração de documentos trabalhistas, exames complementares, atendimentos presenciais e à distância, plataformas móveis, atendimento in company e com unidades móveis, gestão de plataformas sociais, assessoria médica, jurídica e técnica, entre outras. Aliando tecnologia, estrutura física e equipe altamente qualificada, oferecemos a melhor experiência ao cliente com a missão de prover, como nosso próprio nome diz, todas as soluções na prestação de serviços ocupacionais.

Missão: Oferecer atendimento de alta qualidade, visando agilidade e excelência na prestação de serviços aos nossos clientes e parceiros, buscando sempre a solução e sublimidade nos serviços oferecidos.

Visão: Ser referência para quem procura excelência na área de Saúde Ocupacional e Segurança do Trabalho.

Valores: Atendimento humanizado, Pontualidade, Satisfação dos clientes, Valorização dos colaboradores, Ética, Transparência e Responsabilidade Social.



provider-es.com.br | [@providersedtrab](https://www.instagram.com/providersedtrab) | (27) 3322-0030 / (27) 99663-0681



RPL

SINGULAR SERVIÇOS

Produtos e serviços

- Porteiro
- Auxiliar de Serviços Gerais
- Supervisores
- Recepcionistas
- Vigilantes
- Segurança Armada e Desarmada

Diretoria

D. Geral: Breno Machado | **D. Comercial e Marketing:** Matheus Pinho

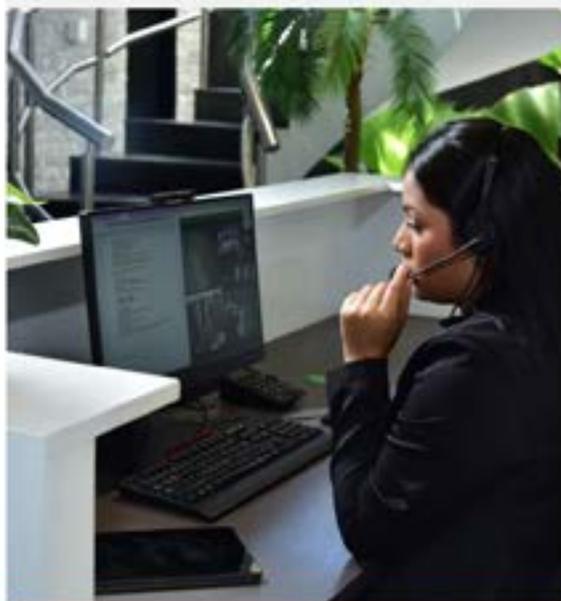
D. de Inovação e Operação: Felipe Soares

Com mais de 30 anos de atuação, a Singular é referência em terceirização de Mão de Obra, oferecendo serviços de excelência e qualidade no setor de facilities e segurança.

Missão: Entregar com excelência os serviços de facilities e segurança, através da tecnologia, inovação e treinamento contínuo, gerando valor para os nossos clientes, colaboradores e acionistas.

Visão: Ser referência nacional em facilities e segurança, impulsionada pela inovação e potencial humano.

Valores: Fé em Deus, Cuidado com o cliente, Lealdade, Inovação, Excelência, Compromisso com o resultado e Responsabilidade Social.



singularoficial.com.br | Instagram: @singularoficial | (27) 99767-9931

São Bernardo samp,

Produtos e serviços

- Clínicas próprias
- Telemedicina e pronto atendimento 24 horas
- Programas de prevenção

Diretoria

Presidente: Fábio Hirota | **CEO:** Fernando Leibel | **Vice Presidente:** José Carlos de Paula

Diretor Comercial e Marketing Regional Sudeste: Fernando Aguiar

A São Bernardo Samp, parte do Grupo Athena, é a maior operadora de saúde do Espírito Santo, com mais de 30 anos de atuação e 400 mil beneficiários. Possui clínicas próprias e atua em 64 cidades do estado, oferecendo serviços de saúde com uma ampla rede de 1200 prestadores credenciados. A empresa investe em clínicas próprias para consultas eletivas, programas de prevenção e controle de doenças crônicas, além de oferecer telemedicina para consultas e pronto atendimento virtual 24 horas.

Missão: Promover a saúde dos nossos beneficiários valorizando a qualidade de vida.

Visão: Ser a melhor empresa de saúde do Espírito sendo reconhecida pela excelência e inovação junto aos beneficiários, prestadores e colaboradores.

Valores: Cuidado, agilidade e eficiência



saobernardosamp.com.br | [@saobernardosamp](https://www.instagram.com/saobernardosamp) | (27) 3061-8700



Produtos e serviços

- Segurança do trabalho
- Medicina ocupacional
- Assistência social
- Palestras/campanhas educativas
- Prevenção bucal
- Consultas psicológicas

Fundado em 1996, o Seconci-ES é uma entidade sem fins lucrativos criada pelo Sinduscon-ES, dedicada à segurança e saúde dos trabalhadores da construção civil. Atua há 28 anos com serviços de saúde ocupacional e social, incluindo atendimento psicológico e odontológico móvel, sob a liderança do Diretor Administrativo/Financeiro, Rodrigo Scardua Gimenes, que está à frente do Seconci-ES desde 2020.

Missão: Assessorar o mercado da construção civil com excelência em questões de segurança e medicina do trabalho, promovendo a capacitação profissional e elevando o padrão de vida dos trabalhadores do setor.

Visão: Promover saúde e segurança para construir um futuro melhor.

Valores: Ética, Excelência no Atendimento e Integridade.



atendimento@seconci-es.com.br | @seconcies | (27) 99639-0872/(27)3434-2060



Produtos e serviços

- Desenvolvimento imobiliário
- Loteamentos

Diretoria

Presidente: Douglas Vaz

Com 27 anos de experiência no mercado imobiliário, a VAZ está presente em 17 cidades brasileiras de leste a oeste do país e conta com uma equipe de mais de 130 colaboradores. Ao longo de sua trajetória, a empresa soma mais de 16 milhões de m² entregues e em desenvolvimento, acumula mais de 4 milhões de m² de mata nativa preservada em suas áreas. Recentemente, a VAZ iniciou sua expansão no estado de São Paulo, com o objetivo de continuar desenvolvendo lugares e pessoas.

Missão: Transformar espaços por meio de desenvolvimento imobiliário e urbanístico de qualidade. Buscamos superar as expectativas de todos os nossos stakeholders, sempre com responsabilidade socioambiental e financeira, fundamentados na fé em Deus.

Visão: Avançar no processo de expansão a nível nacional, sempre respeitando o meio ambiente, a sociedade, nossos clientes, parceiros e instituições públicas. Priorizamos a qualidade nas entregas e a inovação em nossos projetos, buscando reconhecimento pela excelência e pelo compromisso com nossos clientes, o meio ambiente e a sociedade.

Valores: Sustentabilidade, Progresso, Confiança, Inovação e Compromisso com a fé.



vazdesenvolvimento.com.br | [@vazdesenvolvimento](https://www.instagram.com/vazdesenvolvimento) | 0800 270 0005

DESENVOLVIDO POR

